

FERNANDO BRAGA DOS SANTOS

ESTRESSE OCUPACIONAL E *ENGAGEMENT* EM POLICIAIS MILITARES

RIO GRANDE

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM/SAÚDE
MESTRADO EM ENFERMAGEM/SAÚDE

ESTRESSE OCUPACIONAL E *ENGAGEMENT* ENTRE POLICIAIS MILITARES

FERNANDO BRAGA DOS SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/Saúde, da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, como requisito para obtenção do título de Mestre em Enfermagem/Saúde – Área de Concentração: Enfermagem e Saúde. Linha de Pesquisa: O trabalho da Enfermagem/Saúde.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Garcia Lourenção

RIO GRANDE

2019

Ficha catalográfica

S237e Santos, Fernando Braga dos.
Estresse ocupacional e *engagement* entre policiais militares /
Fernando Braga dos Santos. – 2019.
71 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Rio
Grande/RS, 2019.

Orientador: Dr. Luciano Garcia Lourenção.

1. Estresse Ocupacional 2. Engajamento no Trabalho
3. Polícia 4. Militares I. Lourenção, Luciano Garcia II. Título.

CDU 613.6

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

FICHA DE APROVAÇÃO

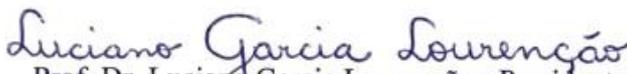
ESTRESSE OCUPACIONAL E *ENGAGEMENT* ENTRE POLICIAIS MILITARES

Esta dissertação foi submetida ao processo de avaliação por uma Banca Examinadora, para a obtenção do Título de Mestre em Enfermagem, e aprovada em 17 de dezembro de 2019, atendendo às normas legais vigentes da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e do Programa de Pós-graduação em Enfermagem - Área de Concentração: Enfermagem e Saúde. Linha de Pesquisa: O trabalho da Enfermagem/Saúde.

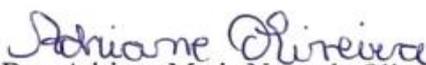


Profa. Dra. Mara Regina Santos da Silva
Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Enfermagem
Universidade Federal do Rio Grande

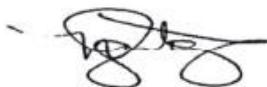
Banca Examinadora



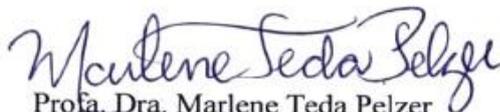
Prof. Dr. Luciano Garcia Lourenção - Presidente
Presidente - Universidade Federal do Rio Grande (FURG)



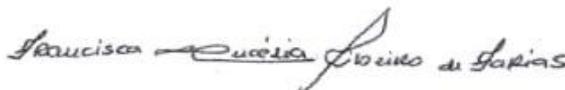
Profa. Dra. Adriane Maria Netto de Oliveira – Efetivo
Membro Efetivo - Universidade Federal do Rio Grande (FURG)



Profa. Dra. Natalia Sperli Geraldes Marin dos Santos Sasaki
Membro Efetivo – União das Faculdades dos Grandes Lagos (UNILAGO)



Profa. Dra. Marlene Teda Pelzer
Membro Suplente - Universidade Federal do Rio Grande (FURG)



Profa. Dra. Francisca Lucélia Ribeiro de Farias
Membro Suplente – Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

DEDICATÓRIA

A meus “Avôhais” (Daza, Hermes, Vilma e Valneide), pela onipresença.
Sem vocês nada teria acontecido!

AGRADECIMENTOS

À **Espiritualidade Maior** agradeço a pontualidade da aprendizagem, a possibilidade da esperança, o afastamento da solidão. Obrigado pelo pão, pela vida, pelo ar, pela paz!

Muito obrigado pela beleza que os meus olhos veem no altar da natureza. Olhos que fitam o céu, a terra e o mar.

Ao meu nobre orientador e estimado amigo **Prof. Luciano Lourenção**, por acreditar nos meus ideais e no meu potencial para realizar este trabalho.

Aos membros da Banca Examinadora, pela energia positiva e contagiante da **Profa. Teda Pelzer**; sensibilidade da **Profa. Adriane Netto**; e disponibilidade e contribuições das **Profas. Natália Sperli** e **Lucélia Farias**. Obrigado por aceitarem o convite de debater esta temática!

À minha **família**, em especial meu irmão **Adriano**, que me apoiou intensamente a ingressar no universo da pesquisa científica. E aos demais que, mesmo na distância, sempre me apoiaram nas decisões mais complexas. Gratidão!

À minha companheira e amiga **Evellym Vieira**, pelo carinho e apoio necessários ao longo desta jornada.

Aos **amigos** espalhados por todo Brasil que, embora distantes, sempre emanaram energias positivas, contribuindo para que eu persista na jornada.

Ao **Comando do 3º Batalhão de Polícia Militar do Paraná (3º BPM/PR)**, na pessoa do **Ten. Coronel Robertinho da Luz Dolenga**, por permitir o desenvolvimento deste estudo.

E a todos os **policiais do 3º BPM/PR**, sujeitos desse estudo e **companheiros de serviço**, que me ensinaram coisas essenciais sobre companheirismo e amizade, no período em que pertenci a esta gloriosa instituição.

“Eu não estou interessado em nenhuma teoria, nem nessas coisas do oriente, romances astrais; a minha alucinação é suportar o dia-a-dia e meu delírio é a experiência com coisas reais... Amar e mudar as coisas me interessa mais”.

(Belchior, 1946 - 2017).

RESUMO

SANTOS, Fernando Braga dos. **Estresse ocupacional e *engagement* em policiais militares**. 2019. 71 fls. Dissertação. (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2019.

A profissão de policial militar é uma atividade de alto risco, uma vez que esses profissionais, no seu cotidiano, convivem com a violência, a brutalidade e a morte. Os policiais estão entre os profissionais que mais sofrem de estresse, pois estão constantemente expostos ao perigo e à agressão, devendo intervir em situações de muito conflito e tensão. Este estudo é vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Epidemiologia, Gestão e Trabalho em Saúde (GEPEGeTS), da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, e resulta do macroprojeto “*Estresse, qualidade de vida, satisfação no trabalho, estratégias de enfrentamento e burnout entre policiais militares*”. Teve como objetivo investigar os níveis de estresse ocupacional e *engagement* de policiais militares. Foi realizada uma pesquisa quantitativa, transversal, entre policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do Paraná. A população foi constituída pelos policiais militares do 3º Batalhão de Polícia Militar do Paraná que, após convidados, aceitaram participar do estudo. Foram excluídos os profissionais que estavam de férias ou afastados das atividades profissionais no período da coleta dos dados. Os dados foram coletados em 2018, utilizando três instrumentos: um instrumento elaborado pelos pesquisadores para coletar informações sobre o perfil sociodemográfico e profissional dos policiais; a Escala de Estresse no Trabalho, composta de 23 afirmativas negativas, com uma escala de cinco pontos, variando desde “discordo totalmente” a “concordo totalmente”; e a *Utrecht Work Engagement Scale*, composta por 17 itens que avaliam o nível de satisfação do indivíduo com o trabalho. Participaram 268 policiais, sendo 227 (84,7%) homens, faixa etária predominante de 31 a 40 anos (46,6%), ensino superior incompleto (45,1%), casados (67,6%), soldados (82,8%), em funções operacionais (70,1%) e trabalho em turnos de escalas (72,4%). Cento e quarenta e seis (54,5%) policiais atuavam na polícia militar entre três e 10 anos. Cento e vinte e cinco (46,7%) policiais apresentaram níveis importantes de estresse ocupacional. Os aspectos estressores, segundo a percepção dos policiais militares foram: falta de perspectivas de crescimento na carreira (3,7;±1,3); deficiência nos treinamentos profissionais (3,4;±1,2); presença de discriminação/favoritismo no ambiente de trabalho (3,1;±1,4); longas jornadas de trabalho (3,0;±1,4); forma de distribuição das tarefas (2,7;±1,1); tipo de controle (2,7;±1,1); deficiência na divulgação de informações sobre decisões organizacionais (2,7;±1,2); baixa valorização por superiores (2,7;±1,2); falta de autonomia na execução do trabalho (2,6;±1,1). Os níveis de *engagement* dos policiais variaram de 3,8 [médio] a 4,1 [alto]. Correlação fraca entre estresse ocupacional e as dimensões Absorção (r: -0,284; p<0,001) e Escore geral (r: -0,393; p<0,001) e moderada com as dimensões Vigor (r: -0,422; p<0,001) e Dedicção (r: -0,414; p<0,001). Concluiu-se que há um importante número de policiais militares com estresse ocupacional que, no entanto, apresentam bons níveis de *engagement*, especialmente no domínio Dedicção, ou seja, são profissionais altamente entusiasmados, inspirados e orgulhosos com o trabalho policial. O estudo contribui para a implementação de estratégias que estimulem o desenvolvimento dos aspectos positivos e reduzam a influência dos negativos, melhorando a saúde e a qualidade de vida dos policiais.

Descritores: Estresse Ocupacional; Engajamento no Trabalho; Polícia; Militares.

ABSTRACT

SANTOS, Fernando Braga dos. **Occupational stress and work engagement in military police**. 2019. 71 pages. Dissertation. (Master in Nursing) – School of Nursing, Postgraduate Program in Nursing, Federal University of Rio Grande, Rio Grande, 2019.

The profession of military police is a high risk activity, since these professionals, in their daily lives, live with violence, brutality and death. Police officers are among the professionals who suffer most from stress, as they are constantly exposed to danger and aggression and must intervene in situations of great conflict and tension. This study is linked to Study and Research Group on Epidemiology, Management and Work in Health (GEPEGeTS) of Federal University of Rio Grande - FURG, and results from the project “Stress, quality of life, job satisfaction, coping strategies and burnout among military police officers”. It aimed to investigate levels of occupational stress and engagement of police officers of 3rd Military Police Battalion of Paraná. A quantitative cross-sectional survey was conducted among police officers. The population consisted of military police of 3rd Military Police Battalion of Paraná who, after invited, agreed to participate in study. Professionals who were on vacation or away from professional activities during period of data collection were excluded. Data were collected in 2018 using three instruments: an instrument developed by researchers to collect information about sociodemographic and professional profile of police officers; the Stress at Work Scale, consisting of 23 negative statements, with five-point scale, ranging from “strongly disagree” to “strongly agree”; and Utrecht Work Engagement Scale, consisting of 17 items that assess the individual's level of job satisfaction. Two hundred and sixty eight police officers participated, being 227 (84.7%) men, predominant age group from 31 to 40 years (46.6%), incomplete higher education (45.1%), married (67.6%), soldiers (82.8%), in operational functions (70.1%) and working in shifts (72,4%). One hundred and forty-six (54.5%) police officers worked in military police between three and 10 years. One hundred twenty-five (46.7%) police officers presented significant levels of occupational stress. The stressing aspects, according to perception of the military police officers were: lack of career growth prospects (3.7; ± 1.3); deficiency in professional training (3.4; ± 1.2); presence of discrimination / favoritism in workplace (3.1; ± 1.4); long working hours (3.0; ± 1.4); distribution of tasks (2.7; ± 1.1); control type (2.7; ± 1.1); failure to disclose information about organizational decisions (2.7; ± 1.2); low valuation by superiors (2.7; ± 1.2); lack of autonomy in execution of work (2.6; ± 1.1). Police engagement levels ranged from 3.8 [medium] to 4.1 [high]. Weak correlation between occupational stress and dimensions Absorption (r: -0.284; $p < 0.001$) and Overall score (r: -0.393; $p < 0.001$) and moderate with Vigor (r: -0.422; $p < 0.001$) and Dedication dimensions (r: -0.414; $p < 0.001$). It was concluded that there are significant number of military police officers with occupational stress who, however, have good levels of engagement, especially in Dedication domain, and they are highly enthusiastic, inspired and proud of police work. The study contributes to the implementation of strategies that stimulate development of positive aspects and reduce influence of negatives, improving health and quality of life of police officers.

Descriptors: Occupational Stress; Work Engagement; Police; Military Personnel.

RESUMEN

SANTOS, Fernando Braga dos. **Estrés laboral y compromiso laboral en la policía militar**. 2019. 71 hojas. Disertación. (Máster en Enfermería) – Escuela de Enfermería, Programa de posgrado en Enfermería, Universidad Federal de Río Grande, Río Grande, 2019.

La profesión de policía militar es una actividad de alto riesgo, ya que estos profesionales, en su vida cotidiana, viven con violencia, brutalidad y muerte. Los agentes de policía se encuentran entre los profesionales que sufren más estrés, ya que están constantemente expuestos al peligro y agresión y deben intervenir en situaciones de gran conflicto y tensión. Este estudio está vinculado al Grupo de Estudio e Investigación sobre Epidemiología, Gestión y Trabajo en Salud (GEPEGeTS), Universidad Federal de Río Grande - FURG, y los resultados del proyecto "Estrés, calidad de vida, satisfacción laboral, estrategias de afrontamiento y agotamiento entre policías militares". Su objetivo era investigar los niveles de estrés laboral y compromiso de los oficiales de policía. Se realizó una encuesta transversal cuantitativa entre los oficiales de policía del 3er Batallón de Policía Militar de Paraná. La población estaba compuesta por la policía militar del 3er Batallón de Policía Militar de Paraná que, después de ser invitados, aceptaron participar en estudio. Se excluyeron los profesionales que estaban de vacaciones o lejos de actividades profesionales durante el período de recopilación de datos. Los datos se recopilaron en 2018 utilizando tres instrumentos: un instrumento desarrollado por investigadores para recopilar información sobre perfil sociodemográfico y profesional de los agentes de policía; Escala de Estrés en Trabajo, que consta de 23 declaraciones negativas, con una escala de cinco puntos, que van desde "totalmente en desacuerdo" hasta "totalmente de acuerdo"; y *Utrecht Work Engagement Scale*, que consta de 17 ítems que evalúan el nivel de satisfacción laboral del individuo. Participaron 268 policías, 227 (84.7%) hombres, grupo de edad predominante de 31 a 40 años (46.6%), educación superior incompleta (45.1%), casados (67.6%), soldados (82.8%), en funciones operativas (70.1%) y trabajando en turnos (72.4%). Ciento cuarenta y seis (54.5%) oficiales de policía trabajaron en la policía militar entre tres y 10 años. Ciento veinticinco (46.7%) oficiales de policía presentaron niveles significativos de estrés ocupacional. Los aspectos estresantes, según la percepción de los policías militares, fueron: falta de perspectivas de crecimiento profesional (3.7; ± 1.3); deficiencia en la formación profesional (3.4; ± 1.2); presencia de discriminación/favoritismo en el lugar de trabajo (3.1; ± 1.4); largas horas de trabajo (3.0; ± 1.4); distribución de tareas (2.7; ± 1.1); tipo de control (2.7; ± 1.1); no revelar información sobre decisiones organizacionales (2.7; ± 1.2); baja valoración de los superiores (2.7; ± 1.2); falta de autonomía en la ejecución de la obra (2.6; ± 1.1). Los niveles de participación policial oscilaron entre 3.8 [medio] y 4.1 [alto]. Correlación débil entre el estrés laboral y las dimensiones Absorción ($r: -0.284$; $p < 0.001$) y Puntaje general ($r: -0.393$; $p < 0.001$) y moderado con Vigor ($r: -0.422$; $p < 0.001$) y Dedicación ($r: -0.414$; $p < 0.001$). Se concluyó que hay un número significativo de oficiales de policía militar con estrés ocupacional que, sin embargo, tienen buenos niveles de compromiso, especialmente en dominio de Dedicación, es decir, están muy entusiasmados, inspirados y orgullosos del trabajo policial. El estudio contribuye a la implementación de estrategias que estimulan el desarrollo de aspectos positivos y reducen la influencia de los negativos, mejorando la salud y la calidad de vida de los agentes de policía.

Descriptor: Estrés Laboral; Compromiso Laboral; Policía; Personal Militar.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

3º BPM/PR – 3º Batalhão de Polícia Militar do Paraná

BPM – Batalhão de Polícia Militar

CAAE - Certificado de apresentação para Apreciação Ética

CAS - Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos

CFSd – Curso de Formação de Soldados

CID-10 - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde

CNS – Conselho Nacional de Saúde

EET - Escala de Estresse no Trabalho

EUA – Estados Unidos da América

FAMERP - Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

GEPEGeTS - Grupo de Estudos e Pesquisas em Epidemiologia, Gestão e Trabalho em Saúde

ILO - *International Labour Organization*

IPCS - Instituto de Psicologia e Controle do Stress

PM – Polícia Militar

PMPR – Polícia Militar do Paraná

SPSS - *Statistical Package for Social Sciences*

TRTMG – Tribunal Regional do Trabalho de Minas Gerais

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UWES - *Utrecht Work Engagement Scale*

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1	Modelo para interpretação dos valores dos escores médios da UWES	36
Tabela 1	Características sociodemográficas e profissionais dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná – Brasil, 2018	38
Tabela 2	Distribuição dos casos de estresse ocupacional, segundo as características sociodemográficas e profissionais dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná – Brasil, 2018	40
Tabela 3	Avaliação dos itens da EET, segundo a percepção dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná - Brasil, 2018	42
Tabela 4	Níveis de <i>engagement</i> dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná - Brasil, 2018	43
Tabela 5	Correlações entre <i>engagement</i> e estresse ocupacional dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná - Brasil, 2018	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OBJETIVOS	17
2.1 Objetivo Geral	17
2.2 Objetivos Específicos	17
3 ENQUANDRAMENTO TEÓRICO	18
3.1 Contexto histórico da polícia militar no Brasil e no estado do Paraná	18
3.2 O trabalho e a carreira do Policial Militar	22
3.3 Estresse ocupacional e o trabalho do policial militar	24
3.4 Estresse ocupacional x <i>burnout</i>	30
3.5 Engajamento no Trabalho [<i>Work Engagement</i>]	31
4 METODOLOGIA	34
4.1 Tipo de Estudo	34
4.2 População e Local do Estudo	34
4.3 Instrumentos de Coleta dos Dados	35
4.4 Procedimento de Análise dos Dados	35
4.5 Questões Éticas	36
5 RESULTADOS	37
6 DISCUSSÃO.....	45
7 CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	63
Apêndice A: Características sociodemográficas e profissionais dos policiais militares	63
Apêndice B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	64
ANEXOS	65
Anexo A: Escala de Estresse no Trabalho (EET)	65
Anexo B: <i>Utrecht Work Engagement Scale</i> (UWES)	66
Anexo C: Parecer Consubstanciado do CEP	67

1. INTRODUÇÃO

O interesse por este estudo surgiu de minha experiência como policial militar do Estado do Paraná ao longo de 5 anos. Nesse período, trabalhei em ambientes operacionais e administrativos, vivenciando momentos de tensão e motivação advindos do ambiente militar. Antes de ingressar na atividade policial atuava como enfermeiro assistencial e na docência, durante essas experiências no âmbito da saúde e da segurança, percebi que ainda há muito a explorar sobre fenômenos relacionados à saúde dos policiais militares.

Para Paulino (2014), as pesquisas desenvolvidas no território nacional com policiais militares ainda são insuficientes. Milhares de policiais, em seus respectivos batalhões, podem contribuir para o conhecimento sobre como eles são influenciados, observam e avaliam sua saúde física e mental, permitindo a elaboração e implementação de políticas públicas direcionadas à saúde desses trabalhadores, que refletirão diretamente na segurança pública dos brasileiros.

No que diz respeito a saúde dos policiais, sobretudo por atuar com diversas situações de risco e com várias camadas da sociedade, na maioria das vezes sob pressão corporativa e social, observei diversos colegas que atuavam cotidianamente ao meu lado, demonstrarem características do estresse ocupacional, queixarem-se de excesso de trabalho e necessitarem de suporte psicológico, fortalecendo meu interesse em compreender este universo pouco estudado e, de alguma forma, contribuir positivamente com os policiais militares e demais estudiosos.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 144, incumbe aos policiais a missão de agir na preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, sendo também agentes responsáveis por fazer cumprir a lei e proteger vidas (BRASIL, 2017).

Logo, o fornecimento de um serviço de segurança apropriado à população é aspecto crucial na execução do trabalho da polícia, na sociedade contemporânea. Aspectos importantes deste serviço incluem a acessibilidade ao público, assistência às vítimas das mais variadas naturezas e o *feedback* do trabalho realizado. O desempenho deste serviço é importante não só para a população, pois a demanda de respostas do serviço prestado tem impactos organizacionais e políticos (VAN GELDEREN; BIK, 2016).

Nesse contexto, os policiais colocam em risco a sua própria vida, desempenhando uma função extremamente desgastante, que exige preparo físico e psicológico. Necessitam, portanto, desfrutar de boa saúde, para que possam atuar de forma significativa na sociedade. Todavia, na atualidade, diante das atividades corriqueiras, torna-se mais difícil cuidar da saúde e ter

qualidade de vida, situação que afeta, de forma especial, os policiais militares (BRASIL, 2017; GONÇALVES; VEIGA; RODRIGUES, 2012).

Sabe-se que os policiais sofrem de múltiplas influências e fatores negativos que podem levar ao estresse extremo. O desgaste físico e mental pode desencadear atitudes impensadas durante conflitos e circunstâncias caóticas. De tal modo, tais atitudes podem levar à falta de eficácia no desempenho do exercício profissional, gerando potenciais perigos para si e para a população. A atividade policial é um serviço tão perigoso que, em contrapartida, exige um ambiente social e familiar saudável, condições de descanso e lazer, para estimular o bem-estar mental do profissional, no cumprimento de suas atividades, evitando o estresse ocupacional e aumentando os níveis de satisfação no trabalho (ASCARI et al., 2016; OLIVEIRA; SANTOS, 2010).

No Brasil, mesmo com a inconsistência no registro dos dados, o índice de suicídio entre policiais é alto, devido ao estresse específico da profissão e acesso a meios letais (BOTEGA, 2015). Estudo sobre o suicídio associado a policiais militares no estado do Rio de Janeiro revelou um índice quatro vezes maior em policiais, em relação ao observado na população geral (MIRANDA, 2016). Nos Estados Unidos, um estudo mostrou que a taxa de suicídio entre os policiais também é superior à da população em geral, permanecendo como principal causa de morte dos policiais (KULBARSH, 2016).

Os policiais têm uma sobrecarga física e emocional, associada a suas obrigações profissionais e as exposições às tragédias humanas, assim reagem intensamente quando seu status está ameaçado. Desse modo, muitos episódios de suicídio têm reflexo impactante e cumulativo de fatores ocupacionais estressantes, associados a problemas interpessoais ou do próprio trabalho. Nesse contexto, a despeito de quem comete o suicídio, o policial normalmente pratica o ato final em decorrência de problemas complexos, sejam pessoais ou do trabalho, os quais são inconclusivos para os envolvidos (SILVA; BUENO, 2016).

Não obstante, entende-se que a qualidade de vida destes profissionais possui uma tangente subjetiva. Embora as atividades laborais, inerentes à profissão militar, possam constituir um ambiente profissional de risco e propício ao estresse, aspectos intrínsecos do cumprimento do dever legal da polícia instituem a sapiência da qualidade de vida e saúde destes trabalhadores (OLIVEIRA; BARDAGI, 2010).

Durante o período que estive inserido neste ambiente laboral, notei a existência de policiais motivados e engajados que, mesmo diante das adversidades, desprendiam forças e envolvimento na execução de suas missões.

Logo, profissionais satisfeitos, que se sentem realizados e felizes geram mais apoio aos colegas de trabalho e seus superiores e isso, conseqüentemente, leva à autopromoção dentro da instituição, que poderá resultar em níveis ainda mais altos de bem-estar e motivação (HU; SCHAUFELI; TARIS, 2017). Esses sentimentos de satisfação com o trabalho constituem o *engagement*, um estado cognitivo afetivo positivo, relacionado ao trabalho, que envolve comprometimento e alinhamento do profissional com o ambiente e a atividade laboral (PORTO-MARTINS; BASSO-MACHADO; BENEVIDES-PEREIRA, 2013; SCHAUFELI, 2012; SCHAUFELI et al., 2002).

De acordo com a literatura, o ambiente de trabalho hábil ou exigente, atua sobre os interesses psicológicos e outros fatores desencadeantes. Tais fatores podem ajudar a preencher a lacuna entre o bem-estar e as características do local de trabalho, ou seja os recursos de trabalho, como oportunidades de aprendizado, boa ambiência do trabalho e apoio, exercem um papel fundamental no bem-estar motivacional dos trabalhadores, satisfazendo suas necessidades psicológicas de competência e autonomia (HU; SCHAUFELI; TARIS, 2017).

Se, por um lado, profissionais satisfeitos e envolvidos com seu trabalho tendem a encarar a atividade laboral como desafiadora e divertida, apresentando energia, disposição e motivação, por outro lado, ao se frustrarem psicologicamente, tendem a apresentar esgotamento, desânimo e falta de motivação, que podem gerar perda de recursos energéticos e afetar a produção laboral, culminando com o desenvolvimento de patologias associadas ao esgotamento mental (HU; SCHAUFELI; TARIS, 2017).

Embora a literatura apresente um olhar concentrado nos aspectos negativos associados ao trabalho, com base em patologias, investigações que abordem a psicologia positiva têm um papel relevante na mudança de paradigma na relação trabalho *versus* saúde (RODRIGUES, 2016).

Ante o exposto e considerando minha experiência como policial militar e enfermeiro, surgiu a seguinte **questão de pesquisa**: *Quais os níveis de estresse ocupacional e engagement dos policiais militares do 3º Batalhão de Polícia Militar do Paraná?*

Este estudo não tem a pretensão de solucionar os problemas dentro da realidade tão complexa desta corporação secular, contudo, pretende trazer a lume algumas condições dos profissionais atuantes na região oeste do Paraná, associando a ciência ao universo militar, contribuindo com informações de cunho científico e de relevância institucional, política e social, possibilitando o auxílio e o direcionamento de ações de melhorias das condições de trabalho e saúde dos policiais, refletindo positivamente na segurança pública da sociedade adscrita. Portanto, com enriquecimento do arcabouço teórico e prático, com um olhar de

criticidade reflexiva, sobre os ambientes de trabalho e saúde do trabalhador, agrega-se valor à área do conhecimento que envolve a Enfermagem, como ciência promotora da saúde.

Para responder à questão de pesquisa elaborou-se os seguintes objetivos a seguir:

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral:

Investigar os níveis de estresse ocupacional e *engagement* de policiais militares.

2.2 Objetivos Específicos:

Descrever o perfil sociodemográfico e profissional dos policiais militares.

Verificar a prevalência de estresse ocupacional nos policiais militares.

Avaliar os níveis *engagement* dos policiais militares.

Verificar correlação entre estresse ocupacional e *engagement*.

3 ENQUADRAMENTO TEÓRICO

3.1 Contexto histórico da polícia militar no Brasil e no estado do Paraná

A polícia militar é uma organização administrativa presente em todos os países politicamente organizados, instrumento pelo qual o Estado estabelece atributos e impõe limitações à liberdade individual ou coletiva, dentro das medidas necessárias, facilitando a preservação e manutenção da lei e da ordem pública (PMPRb, 2019; LAZZARINI, 2008).

Para entender o funcionamento da Polícia Militar (PM) e sua construção é importante desenvolver um breve histórico desta instituição, paralelo à origem das Forças Armadas Brasileiras. Assim, podemos compreender as iniciais composições de polícias militares no território nacional (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO, 2008; RIBEIRO, 2011).

O evento notório da consolidação da PM no Brasil ocorre no momento da abdicação de Dom Pedro I e a consignação do período regencial, com a criação de uma Guarda Municipal de Voluntários por Provinciais, conhecido como Corpo de Guardas Municipais, composta por cidadãos não profissionalizados, não remunerados e recrutados entre cidadãos de posse. Essa iniciativa fracassou em cerca de três meses e, na sequência, foi criada a Guarda Nacional que, segundo a legislação, era uma organização permanente que prestava serviços ordinários nos municípios, em destacamentos que estavam à disposição dos senhores da lei, ou seja, juízes de paz e criminais, presidentes de províncias e Ministro da Justiça (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO, 2008; RIBEIRO, 2011).

Para Minayo, Souza e Constantino (2008), o conceito fundamental para a criação dessas corporações foi a ideia de segurança pública como serviço fundamental, proporcionado pelo Estado, concernente à garantia de direitos e assentamento da autoridade.

A partir de 1809, surgiram as polícias militares estaduais, tendo como marco a criação da Guarda Real de Polícia, precursora das atuais polícias militares estaduais. Essas instituições subordinavam-se ao Ministério da Guerra e da Justiça Portuguesa, e sua modulação seguia o padrão do exército, característica preservada até os dias atuais. Em 1830, observou-se uma mudança significativa em relação à subordinação das Polícias Militares, ou seja, a partir desse período a sua submissão passou ao Ministério da Justiça e ao Exército (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO, 2008; RIBEIRO, 2011).

A guerra no Paraguai implicou em uma relevante mudança, onde policiais militares passaram a servir nas unidades de infantaria. Neste momento que os policiais também começaram a prestar serviços aquartelados, similar ao Exército, demonstrando o porquê da

denominação militar. Essa aproximação com Exército se deu além dos quartéis, mas com uma série de treinamentos militares, existentes em ambas instituições (RIBEIRO, 2011).

Segundo Muniz (2001), a proximidade existente entre as polícias militares com os meios de força combatente, principalmente após o surgimento do Estado Republicano, não se limitou apenas à adoção do sobrenome Militar. Gradualmente sua estrutura hierárquica e burocrática, tornaram-se idênticas à do Exército Brasileiro. O modelo militar de organização profissional serviu de inspiração para maior parte das Polícias Militares no âmbito nacional. Assim como no Exército Brasileiro, as Polícias Militares possuem Estado Maior, Cadeia de Comando, Batalhões, Regimentos, Companhias, Destacamentos, Tropas, grupos especializados, entre outros.

Os policiais não fazem uso de uniformes ostensivos, com exceção do setor de inteligência interno. A maioria utiliza “fardas” bastante semelhantes aos trajes de combate dos militares regulares. Nestes fardamentos estão fixados diversos apetrechos, como uma espécie de tarja, usualmente chamada de “biriba” com o “nome de guerra”, as divisas correspondentes aos níveis hierárquicos e outras insígnias referentes à trajetória institucional do policial (MUNIZ, 2001).

Após sua criação, a PM se atentou para uma sobrecarga de tarefas e efetivo reduzido perante suas necessidades. Além da rotina de instalar guarda e patrulhar a cidade, executando atividades preventivas e repressivas, muitas outras atribuições passaram a ser requeridas à instituição. Pelo fato da incumbência de manter a ordem e, por apresentar inumeráveis contradições sociais mal resolvidas em seu corpo funcional e em seu desempenho, essa instituição nunca desfrutou de reputação apreciável. Desde o início das formações sociais no Brasil, houve aversão dos cidadãos às atividades policiais. As autoridades se depararam, desde o começo, com inúmeros problemas para recrutar pessoas das classes socioeconomicamente privilegiadas e com uma boa formação escolar, para exercer as atividades policiais, devido aos riscos de vida e a baixa remuneração (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO, 2008).

A Polícia Militar do Estado do Paraná (PMPR), é uma estrutura organizacional pública sesquicentenária, responsável pela prestação de serviço de Segurança Pública no Estado do Paraná e preza, em especial, pelo policiamento ostensivo, atividades de defesa civil e salvamentos, preservando a ordem pública em todo o território estadual. Também agrega a Força Auxiliar e Reserva do Exército Brasileiro, incorporando o Sistema de Segurança Pública e Defesa Social do Brasil e seus integrantes são denominados Militares dos Estados. Foi criada como uma unidade de Caçadores, em 10 de agosto de 1854, denominada de Companhia de Força Policial. Apresenta estrutura consistente e conta com efetivo aproximado de 27 mil

militares, sendo a única instituição do Estado a apresentar, pelo menos, dois policiais para cada um dos 399 municípios do estado (SANTOS, 2016; PMPRb, 2019).

Ao longo de sua história e contexto geopolítico, na iminência da Guerra Civil Federalista (1893-1894), o Paraná estava dividido entre os segmentos liberais simpatizantes do império, que apoiaram os federalistas, e os republicanos florianistas, que almejavam consolidar a República do Marechal Floriano Peixoto, com a derrota dos maragatos (nome dado aos sulistas que iniciaram a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul em 1893). No decorrer do progresso dos federalistas em Santa Catarina e a consequente invasão do território paranaense, o então presidente do Estado do Paraná, Dr. Vicente Machado, protagonizou um manifesto aos cidadãos curitibanos, garantindo que a Guarda Nacional e as forças do Regimento de Segurança do Paraná combateriam os maragatos (SANTOS, 2016; PMPRb, 2019).

Assim, o Regimento ficou à disposição do Ministério da Guerra e, reunido à Infantaria do Exército Brasileiro, a tropa deveria avançar sobre a cidade de Desterro, onde se concentravam os federalistas e os marinheiros sublevados da Revolta da Armada. Devido o iminente risco e outras colunas móveis, o General Argolo decidiu recuar as tropas da cidade de Rio Negro. Neste contexto, o estado do Paraná já se encontrava sob ataque por diversas frentes. O Cel. Carneiro criou uma linha de defesa centralizado na cidade da Lapa, até receber reforços de São Paulo. Tal reforço nunca chegou e as tropas em questão resistiram precisamente por vinte e seis dias aos efetivos inimigos, numericamente superiores. Em fevereiro de 1894 ocorreram massacres violentos no combate; personagens percussores da PMPR, como Coronel Carneiro e o Coronel Dulcídio, Comandante do Regimento de Segurança, foram mortos. Dias após o combate na praça de guerra, os revoltosos recuaram, ampliando a concentração das forças legalistas, o que colaborou para a manutenção do governo (SANTOS, 2016; PMPRb, 2019).

A complexa abrangência da Guerra do Contestado foi outro importante momento histórico dentro das revoltas que ocorreram durante a Primeira República, com apoio e a participação da polícia. Consistiu em uma luta contra a Revolta do Contestado, que envolveu populares seguidores de líderes de cunho religioso, contra os interesses dos Estados de Santa Catarina e Paraná (RIBEIRO, 2011).

As ações perduraram de 1912 a 1916. Nesse período, o efetivo da PM que havia sido retirado do local, sob o controle dos revoltosos, foi reunido e reforçado, formando um Batalhão Tático. O confronto violento foi desastroso para ambos os lados e desencadeou justamente o que se procurava evitar, uma intervenção federal. Nessa fase, a força estadual permaneceu sob o comando do Exército, intervindo apenas em apoio às operações (PMPRb, 2019).

Na Revolução de 1930, no Paraná, a adesão à revolta foi instintiva, sendo o governo estadual assumido por uma Junta Militar, chefiada pelo General Mário Alves Monteiro Tourinho, ex-comandante da PMPR. As tropas revolucionárias originárias do estado do Rio Grande do Sul reuniram-se às do Paraná e, em 1932, a PMPR foi incorporada ao Exército Sul, constituindo a chamada Coluna Plaisant (PMPRb, 2019).

Muniz (2001) destaca que, diferente de outras instituições contemporâneas, como a Polícia Metropolitana de Londres e o Departamento de Polícia de Nova York, criadas respectivamente em 1829 e 1845, as Polícias Militares no Brasil nem sempre trabalharam como organizações policiais propriamente descritas. Mesmo considerando os distintos percursos históricos das policiais militares de cada estado da federação, o autor aborda que, até os dias atuais, foram poucos os momentos que, de fato, elas puderam atuar como polícias urbanas e ostensivas.

Assumindo a fala crítica dos segmentos policiais identificados como progressistas, infere-se que as polícias militares, ao longo de suas histórias, foram mais uma corporação militar do que uma organização policial, sendo empregadas para os fins de segurança interna e de defesa nacional, ao invés de funções de segurança pública (MUNIZ, 2001).

O fim do Estado Novo direcionou um novo emprego das forças da Polícia Militar. A Corporação que, até então, era demasiadamente direcionada para a proteção do Estado, passou a ser direcionada para a segurança da população. Suas atuações foram completamente modificadas e diversificadas, e os serviços aprimorados. A PMPR cresceu e evoluiu, e nos dias atuais está voltada aos anseios da comunidade paranaense, assegurando a ordem e a proteção da sociedade, fazendo-se presente em todos os municípios do estado. Os batalhões têm sede nos principais centros urbanos, e suas companhias e pelotões estão distribuídos pelas localidades circunvizinhas (PMPRb, 2019).

O 3º Batalhão de Polícia Militar - BPM, instituído pelo Decreto Estadual nº 3.277, de 1958, sediado no município de Pato Branco, é uma das unidades mais antigas da PMPR, seguindo o desenvolvimento do sudoeste do estado, no decorrer dos anos. A configuração inicial do 3º BPM imputava a responsabilidade territorial à região sul do estado, até o extremo oeste, indo desde o município de União da Vitória até a tríplice fronteira, na cidade de Foz do Iguaçu. Após 1977, houve uma modificação da área operacional do 3º BPM, permanecendo a 1ª Companhia sediada em Pato Branco, a 2ª Companhia em Francisco Beltrão e a 3ª Companhia em Santo Antônio do Sudoeste, momento em que a responsabilidade de policiamento passou aos 42 municípios do sudoeste (PMPRc, 2019).

Com a reestruturação da PMPR ocorrida em 2010, foi criado um Batalhão específico para atender as necessidades da região de Francisco Beltrão. Com isso, o 3º Batalhão passou a ser responsável por 16 municípios e três companhias, estrategicamente localizadas nas cidades de Pato Branco, Palmas e Coronel Vivida (PMPRc, 2019).

A demanda populacional atendida pelo 3º Batalhão é de aproximadamente 274 mil habitantes. O efetivo dispõe de aproximadamente 312 policiais militares que desempenham policiamento nas áreas urbanas e rurais, fiscalização de trânsito, emprego de cães farejadores em operações e em eventos locais e regionais; policiais da equipe de canil com especialização internacional e agência local de inteligência, atuando principalmente no combate ao crime organizado e ao tráfico de drogas (PMPRc, 2019).

Conhecedor da importância da segurança e do bem-estar da população do sudoeste do Paraná, o 3º BPM honra seus compromissos e atividades, tendo como base o lema “Sua proteção é o nosso compromisso” (PMPRc, 2019).

3.2 O trabalho e a carreira do Policial Militar

O trabalho do policial militar é uma atividade que estabelece laços entre as organizações e a população. Se nessa relação a comunicação não estiver alinhada, esses laços não serão suportados, acarretando problemas físicos e emocionais que poderão causar o adoecimento do policial ou, em casos extremos, a sua morte. Nesse contexto, os policiais militares, responsáveis pela segurança pública, estão potencialmente expostos a doenças físicas e psicológicas (DA SILVA; DE SOUZA; SAMARIDI, 2018).

Atualmente, com a elevação da criminalidade, torna-se necessário que os órgãos responsáveis pela segurança pública, entre eles, a Polícia Militar, tenham uma resposta rápida e ativa no combate à criminalidade. Para que isso aconteça, os policiais militares devem estar bem preparados, tanto técnica e taticamente quanto física e mentalmente (DA SILVA; DE SOUZA; SAMARIDI, 2018).

Sobre as atividades cotidianas do policial militar, Da Mota e De Oliveira (2019) apontam que estes profissionais atuam constantemente contra violência das mais diversas origens, situações e lugares, colocando sua própria vida em risco. Trata-se de uma atividade de cuidado e segurança constante da sociedade que exige treinamentos e preparação. Para o autor, as pressões cotidianas e os riscos inerentes à atividade policial, podem levar o profissional a sofrer mais do que qualquer outro trabalhador.

A literatura destaca que a atividade laboral do policial exige atribuições que acabam sendo diretamente ligadas à sua capacidade física, equilíbrio emocional, raciocínio lógico e certas habilidades motoras, como precisão no uso de armas de fogo. Além disso, durante a vida profissional, os policiais passam por rotinas de trabalho onde realizam atividades em escalas de 12 horas no período diurno e/ou noturno que podem causar fadiga (física e mental) e contribuir negativamente para o desempenho de suas funções (SENTONE; SOUZA, 2016).

Marinho et al. (2018) abordam que os trabalhadores que atuam em jornadas de trabalho com turnos variados, especialmente nos horários vespertinos e noturnos, apresentam maior número de fatores estressantes associados ao trabalho, em comparação aos que trabalham no turno diurno. Os fatores envolvidos na fadiga no trabalho são diversos e decorrem das relações entre as más condições de trabalho, turnos de serviço, desarmonia entre os ritmos biológicos e os horários de trabalho.

Estudo realizado com policiais militares e civis do Mato Grosso do Sul assinala que a carga horária excessiva de trabalho, o desgaste físico e psicológico causado por extensas jornadas de trabalho, a baixa remuneração, a pressão da mídia e as determinações existentes no código regulamentar militar podem ocasionar complicações na saúde mental destes profissionais (GUIMARÃES et al., 2014).

Marinho et al. (2018) destacam que os policiais militares estão sujeitos aos mais variados tipos de agravos associados à saúde, decorrentes de fatores como sobrecarga de trabalho e relações interpessoais na corporação, cuja base organizacional é sustentada na hierarquia e disciplina. Para os autores, esses profissionais têm maior predisposição ao absenteísmo por doenças decorrentes das atividades laborais perigosas.

As adversidades no trabalho policial são constantes e geram conflito e tensão. Os problemas sociais geram situações que exigem do policial aptidão e preparo para distinguir entre o bem e o mal, devendo se posicionar de forma ágil e com base na lei, mesmo que não tenha todas as informações precisas para uma decisão correta, o que pode gerar dúvida e angústia, desgastando emocionalmente o profissional. Além disso, os policiais lidam com a hierarquia da corporação que envolve amplas questões burocráticas, falta de recursos e de assistência do estado (LIPP; COSTA; NUNES, 2017).

No estado de Goiás, estudo realizado no período de 2009 e 2013 pela própria corporação militar mostrou altos índices de aposentadorias precoces de policiais por incapacitação, relacionados a fatores mentais dos policiais militares, que influenciam diretamente no serviço prestado à população, devido ao menor efetivo e à demora na execução de concursos públicos para preencher essas vagas (MPGO, 2015).

Mesmo com todos esses riscos à saúde relacionados à atividade policial, a carreira na polícia militar tem sido alvo de grande procura, por ofertar estabilidade e benefícios importantes.

Para ingressar na corporação militar, além da aprovação em concurso público, o candidato é submetido a avaliações psicológicas, com intuito de analisar sua aptidão emocional para enfrentar situações complexas inerentes ao desempenho das funções de policial (FERREIRA; COSTA, 2018).

Na PMPR é possível ingressar como soldado ou como oficial. Para o ingresso como soldado é necessário prestar concurso público e, após a aprovação, é realizado o Curso de Formação de Soldados (CFSd), com duração de nove meses. Após a aprovação e término do CFSd, o aluno soldado ou soldado de 2ª classe torna-se soldado de 1ª classe. A partir daí as promoções dependem de concurso interno, sendo exigido tempo mínimo de serviço em determinadas graduações, sendo: mínimo de dois anos atuando como soldado para progredir para Cabo; mínimo dois anos como Cabo para progredir para 3º Sargento; mínimo de quatro anos como 3º Sargento para progredir para 2º Sargento; mínimo de dois anos como 2º Sargento para progredir para 1º Sargento; no mínimo dois anos como 1º Sargento para progredir para Subtenente. Enquanto as promoções para Segundo Sargento e para Subtenente são por merecimento e antiguidade, a promoção para Primeiro Sargento depende do Curso de Aperfeiçoamento de Sargentos (CAS) (PMPRb, 2019).

Para o ingresso como Oficial da PMPR, o candidato presta concurso público na forma de vestibular, aplicado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e, após aprovado, frequenta o Curso de Formação de Oficiais na Academia Policial Militar do Guatupê, com duração de três anos. Ao término do curso o candidato é classificado como Aspirante a Oficial, podendo chegar ao posto de Coronel, desde que aprovado no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, como Capitão, e no Curso Superior de Polícia, como Tenente-Coronel. Já o Soldado, para chegar ao posto de Coronel, precisa ser aprovado no Curso Especial de Oficiais, como Subtenente e Primeiro Sargento; no Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais, como Capitão e no Curso Superior de Polícia, como Tenente-Coronel (PMPRb, 2019).

3.3 Estresse ocupacional e o trabalho do Policial Militar

Entende-se por estresse o estado em que o corpo manifesta reações a diversas situações ambientais, físicas e sociais. Sendo assim, quando afetada a homeostase do indivíduo, o organismo emite respostas, buscando restabelecer o equilíbrio interno (FERRAZ;

FRANCISCO; OLIVEIRA, 2014). O estresse pode representar uma ameaça real, percebida ou socialmente construída (ALMEIDA et. al., 2107.)

Dentre várias teorias do estresse, umas das mais estudadas é do endocrinologista e pesquisador Hans Selye que, em meados de 1956, introduziu o conceito de estresse com base em três fases: alerta, resistência e exaustão. Em 1984, Selye abordou que o organismo sempre busca a adaptação ao evento estressor e, neste processo, utiliza vastas quantidades de energia adaptativa (NEVES et al., 2016).

Os estudos primários sobre o estresse classificaram sua prevalência em três segmentos, propondo um modelo clássico trifásico: o Alarme, a Resistência e a Exaustão. A primeira fase, de alerta, acontece quando os estímulos estressores começam e o organismo responde de maneira rápida; consiste em uma espécie de preparo para uma fuga ou combate. Esta etapa tem um término com a restauração da homeostase (NEVES et. al., 2016; SELYE, 1984).

Na segunda fase, de resistência, surgem as primeiras implicações mentais, físicas e emocionais, a recuperação se dá quando o organismo tenta resistir ao seu agressor, por meio do equilíbrio interno. Nessa fase ocorre uma desaceleração do estresse. Todavia, se a pessoa não conseguir restabelecer o equilíbrio interno, pode progredir para a próxima fase, ficando susceptível a doenças. A exaustão sustenta a última fase da tríade do estresse, sendo considerada a pior fase do processo, pois ocorre um vasto desequilíbrio interno. A pessoa pode ter consequências como irritabilidade, dificuldade de concentração na tomada de decisões, isolamento social, transtorno no ciclo de vigília-sono, diminuição da libido, alopecia baixa autoestima, aumento da glicemia, elevação dos níveis de colesterol e aparecimento de doenças mais graves, como patologias cardiovasculares, úlceras gástricas e depressão (NEVES et. al., 2016; SELYE, 1984).

Após 15 anos de pesquisa, a fundadora do Instituto de Psicologia e Controle do Stress - IPCS, a professora Lipp (2000), identificou uma quarta fase no transcorrer da padronização do Inventário de Síndrome de Estresse para Adultos, denominada Fase de Quase Exaustão, situada entre a fase de Resistência e a Exaustão:

[...] as defesas do organismo começam a ceder e ele já não consegue resistir às tensões e restabelecer a homeostase interior. Há momentos em que ele consegue resistir e se sente razoavelmente bem e outros em que ele não consegue mais. É comum nesta fase a pessoa sentir que oscila entre momentos de bem-estar e tranquilidade e momentos de desconforto, cansaço e ansiedade. Algumas doenças começam a surgir demonstrando que a resistência já não é tão eficaz. (LIPP, 2003, p. 19).

Neste contexto, Do Prado (2016) elucida que o estresse ocupacional pode ser caracterizado por um estado em que incide desgaste do organismo, diminuindo a capacidade de trabalho.

O termo estresse ocupacional denomina estímulos que são gerados no ambiente ocupacional, gerando consequências físicas ou mentais negativas para um maior número de sujeitos expostos a eles. Classificam-se agentes estressores os fatores extra organizacionais e organizacionais, individuais e coletivos. Define-se, que o estresse ocupacional é um processo em que o indivíduo percebe as demandas do trabalho como estressoras, as quais, ao extrapolarem sua habilidade de enfrentamento, provocam reações negativas (MINAYO; SOUZA; CONSTANTINO, 2008).

Existem algumas teorias que explicam sobre o estresse ocupacional, entretanto, o modelo desenvolvido por Cooper, Sloan e Williams (1998) se tornou referência mundial no que diz respeito ao estresse ocupacional. Os pesquisadores acordam que o estresse é uma espécie de resposta ajustada, gerada para tentar recompor o equilíbrio do indivíduo (FERREIRA et al., 2018).

Cooper, Sloan e Williams (1998) desenvolveram um Modelo de Estresse Ocupacional analisando as relações de causa e efeito entre o indivíduo e a organização, percebendo o que a origem casual e as peculiaridades da personalidade do indivíduo diziam sobre sua aptidão ao estresse. Para os autores, o trabalhador com estresse ocupacional pode apresentar sintomatologias associadas a doenças físicas e mentais, e disfunções organizacionais que, quando perceptíveis, podem sofrer auto ajustes (*eustress*) ou não (*distress*), dando espaço para ascensão de patologias diversas.

Os agentes causadores de estresse são expostos no modelo, contemplando variáveis associadas ao estresse, assim, os mecanismos de pressão no trabalho e suas potencialidades, bem como o método de interpretação que o indivíduo completa diante dos eventos que acontecem sua vida, motivando o desencadeamento de sintomas físicos e mentais provenientes dessas circunstâncias, e influenciando diretamente nas funções organizacionais (COOPER, 1998; FERREIRA et al., 2018).

Trata-se de um modelo validado em meados dos anos 80, que permanece atual, justamente por ter uma abrangência técnica e consolidada com os aspectos que circundam o trabalho. Identificando os fatores causadores do estresse, contribuindo para a busca do equilíbrio e originando impactos positivos na saúde do trabalhador (PERES, 2014).

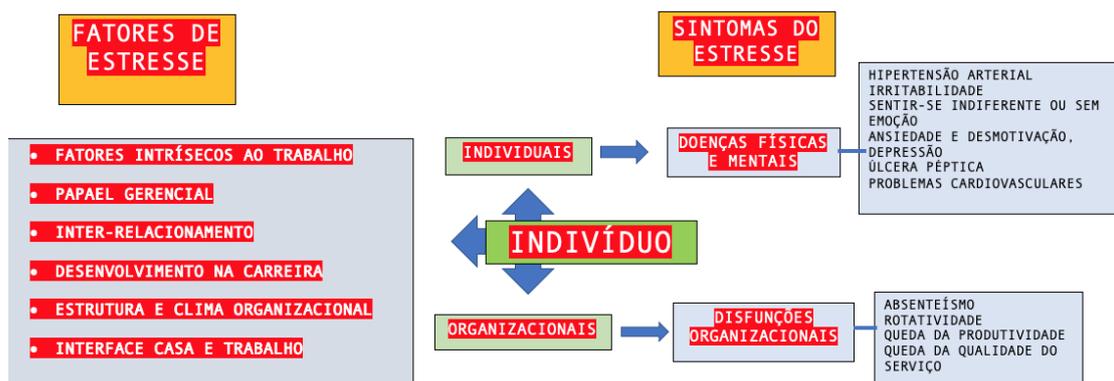


Figura 1: Modelo de Cooper, Sloan e Williams, e suas configurações.

Fonte: Cooper, Sloan e Williams, 1988.

Conforme mostra a Figura acima, o modelo de Cooper, Sloan e Williams (1988), os fatores que causam estresse ocupacional são agrupados em seis fatores e podem ser intrínsecos ao trabalho ou ligados à interface casa-trabalho, relacionados com o modelo gerencial, a estrutura e o clima organizacional, e/ou decorrentes do relacionamento interpessoal ou do desenvolvimento na carreira.

Os fatores intrínsecos ao trabalho dizem respeito ao volume de trabalho, às novas tecnologias agrupadas à sua atividade laboral, cadência do trabalho e natureza e conteúdo das tarefas executadas. O papel gerencial está associado à filosofia de gestão da organização, autonomia do trabalhador para tomar decisões, contribuição e orientação que ganha de seus superiores. O inter-relacionamento faz referência aos conflitos de personalidade, acessibilidade para o outro e apoio ou afastamento que o trabalhador recebe dos pares. O fator desenvolvimento na carreira cria um elo com o sistema compensatório, com oportunidades e desenvolvimento na carreira do indivíduo, valorização da performance, perspectivas de progressões e segurança no emprego (COOPER, SLOAM; WILLIAMS, 1998; COOPER, 1998; PERES, 2014; FERREIRA et al., 2018).

Já, o fator estrutura e clima organizacional tem como fonte de pressão no trabalho questões que abrangem desde o clima de trabalho até suas características estruturais. Por fim, o fator interface, casa e trabalho tem origem em eventos externos ao trabalho e inclui pressão e relações que influenciam na base familiar. Assim, quando o indivíduo está exposto a tais fontes de pressão pode desenvolver sintomas físicos e mentais, influenciando negativamente em sua situação de saúde (COOPER, SLOAM; WILLIAMS, 1988; COOPER, 1998; PERES, 2014; FERREIRA et al., 2018).

As patologias e os sintomas apresentados podem ser os mais variados e englobam hipertensão arterial, irritabilidade, sentir-se indiferente ou sem emoção, ansiedade e desmotivação, depressão, úlcera péptica e problemas cardiovasculares (COOPER, SLOAM; WILLIAMS, 1988; COOPER, 1998; PERES, 2014; FERREIRA et. al., 2018). Cooper (1998) reflete que mecanismos como o autoconhecimento são eficazes no combate ao estresse, já que o processo de interiorização permite que a pessoa modifique suas percepções, comportamentos e o própria estilo de vida.

Ferrari (2019) destaca que o desequilíbrio na relação entre o trabalhador e sua ocupação é um importante agente causador de estresse ocupacional. Compreende-se, então, estresse ocupacional como o conjunto de respostas pouco adequadas à estimulação física e emocional decorrente das exigências do ambiente de trabalho, das aptidões exigidas para executá-las e das condições do colaborador. Em determinadas situações, quando o estresse ocupacional não é identificado ou tratado, pode ocorrer a Síndrome de *Burnout*, caracterizada pelo esgotamento físico e mental em consequência do trabalho.

Os índices mundiais de estresse vêm trazendo preocupações constantes. Várias organizações internacionais estão debatendo sobre métodos de prevenção, de modo a reduzi-los. Em meados de 2016, o *International Labour Organization* (ILO) desenvolveu uma pesquisa com 324 especialistas de 54 países, conferiram que o estresse representa um problema global. Nesse contexto, é notória a importância da identificação das causas do estresse e sua implicação com as relações sociais e atividades profissionais desempenhadas. E, embora todas as atividades ocupacionais sejam provedoras de um certo grau de estresse, determinadas profissões chamam a atenção devido ao elevado nível de tensão, dentre as quais se destaca a atividade policial, como uma das profissões de maior risco (LIPP; COSTA; NUNES, 2017).

No cenário contemporâneo, mudanças políticas, socioeconômicas e de competitividade intransigente acendem na classe trabalhadora, estresse e diversas apreensões. O policial militar, no seu exercer profissional, labuta com vários graus e índices de violência e com as questões do próprio trabalho, ficando sujeito ao estresse ocupacional, causador de sofrimento psicológico e físico, com potencial evolução para desconforto corporal e até a morte (ANDRADE; GUIMARÃES, 2017).

Estudo realizado por Lipp, Costa e Nunes (2017), sobre os níveis de qualidade de vida e de estresse ocupacional de 1.837 policiais do Estado do Mato Grosso, constatou que 52% dos avaliados apresentaram estresse. Para os autores, a atividade policial envolve uma série de condições que ocasionam sobrecarga emocional e física que, associada à pressão da sociedade

que brada por eficiência do serviço prestado, podem afetar a saúde dos profissionais, produzir desgastes, desagradados e provocar estresse e sofrimento psíquico.

No estado de São Paulo, estudo com 506 policiais militares evidenciou que, embora os profissionais refiram satisfação com a saúde, apresentam comprometimento da qualidade de vida em aspectos relacionados ao ambiente. Os dados auxiliam no entendimento de que existe uma associação significativa entre elevados níveis de estresse e má qualidade de vida, revelando a necessidade de políticas que promovam mecanismos de enfrentamento, para melhorar a qualidade de vida deste público, refletindo diretamente na segurança pública (ARROYO; BORGES; LOURENÇÃO, 2019).

Similarmente, estudo realizado com policiais militares no estado do Rio Grande do Sul, observou níveis de estresse e comprometimento com a carreira policial, com os seguintes resultados: 57,3% apresentaram níveis de estresse, 46,7% estavam no segundo estágio do estresse a resistência, 8% na fase de quase-exaustão, 2,7% na última fase do estresse exaustão, tal estudo foi realizado com ambos os sexos, com a predominância maior dos níveis de estresse no sexo feminino (OLIVEIRA; BARDAGI, 2010).

Para Santos (2016), a Polícia Militar apresenta um comportamento diferenciado e raro, pois sofre grande constante pressão institucional e mídia, principalmente em relação à qualidade na execução de seus serviços.

Ao estudar estresse em policias militares na Califórnia, Weltman et al. (2014) relataram que as forças armadas Americana já reconhecem a importância da regulação do estresse entre os combatentes, que influencia diretamente no desempenho operacional. O estresse pode resultar em problemas para a saúde, transtornos mentais e problemas emocionais, afetando não só o militar, mas o seu convívio social e familiar. Diante dessa situação, o governo Norte Americano intensificou a criação de programas de treinamento, favorecendo a resiliência dos profissionais diante do estresse ocupacional.

Neste panorama, Almale et al. (2014) reforçam que existe um grau de estresse ocupacional em todas as organizações e seus níveis hierárquicos. MA et al. (2015) avaliaram 365 policias, nos EUA, com idade entre 27 e 66 anos, e demonstraram que os níveis de estresse ocupacional foram mais prevalentes entre os policiais que trabalhavam nos turnos vespertino e noturno, em comparação os que trabalhavam no período matutino. O estudo observou que, nestes turnos, eventos mais estressantes ocorriam durante a atividade policial, gerando maiores riscos físicos e psicológicos para os profissionais.

Outro estressor intrínseco com perigo constante na atividade policial, dentro e fora da jornada de trabalho, são as ameaças pessoais, que podem se estender até as famílias dos policias.

Mesmo existindo horário específico para determinadas escalas de trabalho, o policial militar é preparado e regido para estar disponível para as emergências 24 horas por dia, ou seja, vive em constante tensão e risco (LIPP; COSTA; NUNES, 2017).

3.4 Estresse ocupacional x *burnout*

Para Jex (1998), as definições de estresse ocupacional dividem-se pela proeminência de alguns aspectos relacionados aos estímulos estressores, ou seja, os estímulos do ambiente de trabalho demandam respostas adaptativas e excedem a habilidade de enfrentamento por parte dos colaboradores. Esses estímulos são chamados de estressores organizacionais.

As estratégias usadas pelas pessoas para se adaptarem às circunstâncias adversas e estressantes são conhecidas como *coping* e estão relacionadas às respostas apresentadas aos eventos estressores, ou seja, respostas psicológicas, fisiológicas e comportamentais dos sujeitos expostos a fatores que extrapolem sua capacidade de enfrentamento; e aos impulsos estressores, ou seja, à compreensão lógica do processo comum e das situações ocupacionais que impactam sobre os trabalhadores (TABOSA; CORDEIRO, 2018).

Nesse contexto, Tabosa e Cordeiro (2018) relatam que o estresse ocupacional está associado aos estímulos do ambiente laboral, exigindo do trabalhador respostas adequadas que, em alguns casos, podem exceder sua capacidade de enfrentamento. Porém, nem todo excesso de trabalho é prejudicial, exigindo uma análise contextual de como ocorre, podendo ser um excesso estimulante e positivo.

Outros problemas podem ter associação com o estresse, como a ansiedade, depressão e Síndrome de *Burnout*. O descontentamento com o ambiente de trabalho, a remuneração dos funcionários, o ignóbil apoio e importância social diante do trabalho ofertado, são concebidos como fatores categóricos para o aparecimento do estresse (FREITAS et al., 2014).

A Síndrome de *Burnout*, também definida como Síndrome do Esgotamento profissional, é um distúrbio psíquico apresentado em 1974 pelo psicanalista americano Freudenberg. O transtorno está descrito no Grupo V da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados (CID-10) à Saúde e sua característica principal é o estado de tensão emocional e estresse crônicos, provocado por condições de trabalho físicas, emocionais e mentais desgastantes. O *Burnout* se manifesta principalmente em pessoas cuja profissão exige envolvimento interpessoal direto e intenso. A pessoa acometida por esta síndrome tem um desgaste físico e emocional elevado, apresentando um comportamento hostil e apreensivo (TABOSA; CORDEIRO, 2018).

Numa análise contextual, a Síndrome de *Burnout* é um distúrbio psíquico no qual a dedicação e as exigências do trabalho absorvem ou "queimam" tanta energia do trabalhador que ele simplesmente "não aguenta mais". Acomete especialmente os profissionais da área da saúde, agentes penitenciários, da educação e policiais (TRTMG, 2017). Acrescenta-se que o trabalho realizado por policiais envolve uma intensa carga emocional, potencializando o esgotamento (GUIMARÃES et al, 2014).

A Síndrome de *Burnout* se constitui em três dimensões caracterizadas em: Exaustão Emocional, que diz respeito ao sentimento de esgotamento emocional, físico, moral e psicológico dos envolvidos no contexto profissional; Despersonalização, que se refere ao indivíduo que apresenta atitudes de cinismo, ironia e hostilidade no ambiente de trabalho, com tendência de reagir com distanciamento e indiferença ao próximo; e o Envolvimento pessoal no trabalho, que indica a minimização da crença do sujeito em sua habilidade de realização, menor ambição de sucesso, prazer, competência e indícios de abandono da atividade profissional. Além disso, há uma sensação de desprazer e exaltação. É uma verdadeira combinação de sentimentos que desfavorecem a felicidade no trabalho, impedindo que o profissional evolua e aprenda (MASLACH, 2007).

Portanto, o estresse ocupacional pode ter uma cronicidade na medida em que a exposição aos estressores ocupacionais se prolonga. Esses fatores, quando intensificados, podem levar o indivíduo a um estresse intenso, ou seja, um enorme risco de desenvolver a Síndrome de *Burnout* (FERREIRA; DAHER, 2015).

Caso haja constância do estressor, e não aconteça o ajustamento, o estresse pode se tornar crônico, motivando a ocorrência da Síndrome de *Burnout* (FREITAS et al., 2014).

3.5 Engajamento no Trabalho [*Work Engagement*]

Em meados de 1954 foi citado pela primeira vez o termo "psicologia positiva", no livro *Motivação e Personalidade*, do autor Abraham Maslow, um dos mais significativos representantes da psicologia humanista. Maslow certificou que a psicologia apresentava muito mais sucesso na compreensão do lado humano negativo que o positivo, e isso desvendava muito sobre as deficiências, as patologias e as iniquidades do homem. Contudo, pouco se sabia sobre as suas potencialidades, suas virtudes, suas pretensões realizáveis (PACICO; BASTIANELLO, 2014).

No entendimento cronológico, um movimento composto por psicólogos norte-americanos há quase duas décadas, realizou estudos sobre a dignidade da vida. Esse movimento

ganhou o nome de psicologia positiva, que pode ser compreendido como um termo que se refere às emoções, peculiaridades individuais e instituições positivas, e está situado na prevenção e na promoção da saúde mental (PACICO; BASTIANELLO, 2014).

Nesse cenário, é importante salientar que a psicologia positiva não ignora o sofrimento humano e os problemas das pessoas, também não declina ou faz afirmações descartando os estudos das patologias mentais e comportamentais. O movimento tem como objetivo ampliar e complementar o foco da psicologia como ciência (PACICO; BASTIANELLO, 2014).

No contexto da psicologia positiva surgiu o termo “*Work engagement*” que, traduzido para o português, quer dizer engajamento no trabalho. O termo teve origem no contexto empresarial e, posteriormente, ingressou no mundo acadêmico, pela envoltura do movimento da psicologia positiva, após a virada do século (SCHAUFELI; DE WITTE, 2017).

Apesar de não existir nenhum acordo universal sobre o significado do *Work Engagement*, existe um amplo consenso em duas dimensões fundamentais de trabalho: engajamento-energia e envolvimento/identificação. Estas dimensões estão incluídas na *Utrecht Work Engagement Scale* – UWES, validada em diversos países e utilizada para avaliar os níveis de engajamento no trabalho (SCHAUFELI; BAKKER, 2010; SCHAUFELI et al., 2002).

Considerado um estado mental positivo, incluso com o trabalho, o *engagement* representa mais que uma situação momentânea e específica, compreendendo um estado afetivo, cognitivo persistente, não mantendo o foco em um objetivo, pessoa, acontecimento ou comportamento particular. Está relacionado com o rendimento e a adequação do ser humano ao trabalho que exerce. O *engagement* tem um aspecto fundamental para o progresso do capital humano, justamente por se tratar de um elemento imprescindível no agrado e na saúde dos trabalhadores, gerando um elo positivo entre ganhos individuais e coletivos (SCHAUFELI; BAKKER, 2004).

O *engagement* está associado a um estado mental que influencia o comportamento dos trabalhadores e esta condição positiva é caracterizada pelo vigor, dedicação e absorção. O vigor é caracterizado por elevados níveis de energia e resistência mental durante o trabalho. A dedicação consiste em um forte envolvimento com as tarefas do trabalho, no qual o trabalhador experimenta uma sensação de significado, entusiasmo e desafio. Já a absorção tem como principal característica a total concentração e imersão do profissional no trabalho, sentindo que o tempo passa enquanto trabalha (SCHAUFELI; BAKKER, 2010; SCHAUFELI, et al., 2002).

Essencialmente consiste em os trabalhadores perceberem seu trabalho como estimulante e energético (dedicação), dedicando tempo e esforço (vigor), dentro de ambiente cativante que lhes permite total concentração (absorção) (BAKKER et al., 2008).

O *engagement* tem um aspecto fundamental para o progresso do capital humano, por se tratar de um elemento imprescindível no agrado e na saúde dos trabalhadores. Contribui na labuta diária e na solução das cobranças exigidas pelas organizações, gerando um elo positivo entre ganhos individuais e coletivos (SCHAUFELI; BAKKER, 2004).

Segundo Albdour e Altarawneh (2014), nos últimos tempos, o *engagement* vem desfrutando de uma desmensurada ascensão, sobretudo a respeito dos impactos na vida dos trabalhadores e das organizações. Para Richardsen, Burke, Martinussen (2006), é importante para as corporações militares compreender os fatores positivos associados ao *engagement*, pois está associado à saúde e auto eficácia do trabalho policial, bem como o compromisso com os valores e objetivos da instituição.

No que diz respeito às organizações e seus trabalhadores, o *engagement* é um bom indicador de bem-estar, com seriedade em avaliar a motivação e os níveis de satisfação dos trabalhadores, refletindo sobre as condições de trabalho dos policiais, influenciando no desempenho das tarefas individuais e impactando na qualidade do serviço oferecido à população (LOURENÇÃO, 2018).

Estudo com policiais militares de Taiwan revelou que o sucesso dos administradores da polícia tem como sustentação a percepção da qualidade do serviço e a satisfação dos envolvidos, ou seja, a população e os policiais. O apoio da corporação diante do trabalho exercido pelos policiais está ligado de forma positiva a variáveis motivacionais, que estimulam o *work engagement*. Tais variáveis, quando apoiadas de forma positiva, auxiliam as demandas de esgotamento, pois os policiais que experimentam um ambiente de apoio e valorização, serão mais comprometidos com a execução das tarefas da organização (CHEN et al., 2014).

Assim, quando o policial se sente afetivamente comprometido com a corporação, a confiança de que a organização o apoia aumenta. Por sua vez, esse crédito é fator motivacional para o trabalhador, favorecendo o aumento dos níveis de *engagement*. Surge, assim, a hipótese de que o comprometimento organizacional afetivo está positivamente relacionado com o *Work Engagement* (BENJAMIN e LEONIE, 2016).

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de Estudo

Trata-se de uma pesquisa quantitativa, transversal, entre policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do Paraná – 3º BPM/PR. Este estudo é vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Epidemiologia, Gestão e Trabalho em Saúde (GEPEGeTS), da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, sendo oriundo do macroprojeto intitulado: “*Estresse, qualidade de vida, satisfação no trabalho, estratégias de enfrentamento e burnout entre policiais militares*”.

Nos estudos transversais o fator de exposição e o desfecho são observados num mesmo momento, não permitindo estabelecer relação de causa e efeito, ou seja, informam sobre a possibilidade de estar doente, mas não a de ficar doente. São estudos observacionais, nos quais o pesquisador não exerce controle sobre as variáveis. Têm como foco populações bem definidas e medem a prevalência de uma doença ou evento de interesse (ROUQUAYROL; SILVA, 2013).

4.2 Local e População do Estudo

O estudo foi realizado no 3º Batalhão de Polícia Militar do Paraná, pertencente ao 5ª Comando Regional de Polícia Militar do Estado.

Este Batalhão de Polícia Militar é uma das unidades mais antigas da Polícia Militar do Estado do Paraná. Com sede na Cidade de Pato Branco, possui um contingente de 312 policiais, distribuídos em três Companhias, sediadas nas cidades de Pato Branco, Palmas e Coronel Vivida, que realizam o policiamento nas áreas urbana e rural, fiscalização de trânsito, aplicação de cães farejadores, presença em shows e eventos, contando ainda com estrutura para intervenção em distúrbios civis e rebeliões (PMPRb, 2017).

A população atendida pelo 3º Batalhão é de aproximadamente 260 mil habitantes, distribuída numa extensão territorial de 9.668 Km², em 16 (dezesseis) municípios da microrregião do sudoeste do Paraná (PMPRb, 2017).

A população do estudo foi constituída pelos policiais militares integrantes do 3º Batalhão de Polícia Militar do Paraná que, após convidados, aceitaram participar do estudo. Foram excluídos os profissionais que estavam de férias ou afastados das atividades profissionais, por problemas de saúde, licença ou qualquer outro motivo, no período da coleta dos dados.

4.3 Instrumentos de Coleta dos Dados

Os dados foram coletados em 2018, utilizando três instrumentos.

O **primeiro instrumento** (APÊNDICE A), elaborado pelos pesquisadores, contendo informações sobre o perfil sociodemográfico e profissional dos policiais, como sexo, faixa etária, estado civil, escolaridade, cargo, tempo de serviço, jornada de trabalho, turno de trabalho, prática de atividade física, se já respondeu por transgressões disciplinares.

O **segundo instrumento** (ANEXO A) foi a Escala de Estresse no Trabalho (EET), validada por Paschoal e Tamayo (2004), composto por dados sociodemográficos e 23 afirmativas negativas, com uma escala de cinco pontos, variando desde “discordo totalmente” a “concordo totalmente”. Os indicadores da EET foram elaborados a partir da análise da literatura sobre estressores organizacionais de natureza psicossocial e sobre reações psicológicas ao estresse ocupacional. Os estudos de Paschoal e Tamayo indicam que a EET possui características psicométricas satisfatórias e pode contribuir, tanto para pesquisas sobre o tema, quanto para o diagnóstico do ambiente organizacional. A EET não é um teste psicológico, mas uma ferramenta para diagnóstico organizacional que foi submetida a testes e requisitos psicométricos.

O **terceiro instrumento** (ANEXO B) foi um questionário autoaplicável denominado *Utrecht Work Engagement Scale* (UWES), composto por 17 itens que avaliam o nível de satisfação do indivíduo com o trabalho. Por definição, *engagement* é um estado positivo da mente, realizador e relacionado ao trabalho, constituído por vigor, dedicação e absorção (VAZQUEZ et al., 2015).

A UWES avalia os três aspectos constituintes do *engagement* e foi validada em vários países da Europa, e também na América do Norte, África, Ásia e Austrália (BAKKER, 2009).

4.4 Procedimentos de Análise dos Dados

Os dados obtidos foram armazenados em um banco de dados utilizando-se uma planilha do programa Microsoft Excel[®], de forma a possibilitar a análise para atender aos objetivos propostos.

A análise dos dados foi realizada com o programa *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 23.0. As variáveis sociodemográficas e profissionais foram utilizadas para descrever o perfil dos policiais militares.

O estresse ocupacional foi avaliado a partir do cálculo de um escore médio obtido pelos policiais, para todos os itens da escala e para cada item da escala, identificando os estressores mais presentes, segundo a percepção dos policiais. Em seguida, realizou-se análise descritiva das variáveis sociodemográficas e profissionais, segundo a presença ou não de estresse ocupacional.

Os indicadores da EET variam de um a cinco e, quanto maior a média, maior o estresse. Consideram-se indicadores de níveis importantes de estresse os valores médios iguais ou superiores a 2,5.

Os cálculos dos escores das dimensões do *engagement* foram realizados conforme modelo estatístico proposto no Manual Preliminar UWES – *Utrecht Work Engagement Scale* (AGNST; BENEVIDES-PEREIRA; PORTO-MARTINS, 2009), apresentando-se média e desvio padrão para cada dimensão da UWES.

O cálculo do vigor corresponde à média aritmética das respostas dos policiais às questões 1, 4, 8, 12, 15 e 17 da UWES. Para a dedicação será calculada a média aritmética das respostas das questões 2,5,7,10 e 13. A absorção corresponde à média aritmética das respostas das questões 3, 6, 9, 11, 14 e 16. Por fim, o escore geral corresponde à média aritmética das respostas de todas as questões da escala UWES.

Após o cálculo dos escores de cada dimensão, foi realizada a interpretação dos valores obtidos, conforme decodificação do Manual Preliminar UWES, apresentado no Quadro 1.

Quadro 1. Modelo para interpretação dos valores dos escores médios da UWES.

Classificação	Frequência dos sentimentos em relação ao trabalho (questões UWES)
Muito Baixo	0 a 0,99 = 1 (Algumas vezes por ano)
Baixo	1 a 1,99 = 2 (Uma vez ou menos por mês)
Médio	2 a 2,99 = 3 (Algumas vezes por mês)
	3 a 3,99 = 4 (Uma vez por semana)
Alto	4 a 4,99 = 5 (Algumas vezes por semana)
Muito Alto	5 a 6 = 6 (Todos os dias)

O indicador de consistência interna Alpha de Cronbach será utilizado com objetivo de verificar a confiabilidade das medidas dos construtos da UWES.

Em seguida, foi verificado se havia diferença entre os escores médios das dimensões da UWES e as características sociodemográficas e profissionais dos policiais militares, utilizando o teste t para duas médias e ANOVA para três ou mais médias e nível de significância de 95% ($p < 0,05$).

Por fim, realizou-se análise de correlação entre estresse ocupacional e as dimensões da UWES (Dedicação, Absorção, Vigor e Escore geral), utilizando-se o teste de correlação de *Pearson* (r) e considerando nível de significância igual ou maior a 95% ($p < 0,05$). A correlação entre as variáveis será considerada fraca para valores de r até 0,30, moderada para valores entre 0,40 e 0,60, e forte para valores maiores que 0,70.

4.5 Questões Éticas

Respeitando os preceitos Éticos de Pesquisas envolvendo seres humanos, antecedendo a coleta dos dados, este projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto (FAMERP) e aprovado em 04 de dezembro de 2017, com Parecer n. 2.412.594 (CAAE: 47885715.8.0000.5415) (ANEXO C).

Antecedendo a coleta dos dados, foi solicitado a todos os profissionais que aceitaram participar do estudo, pós-esclarecimento sobre a pesquisa, o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B).

Deste modo, buscou-se tomar os cuidados mencionados nas Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas em Seres Humanos, aprovados pela Resolução CNS n. 510/2016.

5 RESULTADOS

Participaram do estudo 268 policiais militares, sendo 227 (84,7%) homens, faixa etária predominante de 31 a 40 anos (46,6%), com ensino superior incompleto (45,1%), casados (67,6%). A maioria dos policiais era soldado (82,8%), exercia funções operacionais (70,1%), trabalhava em turnos de escalas (72,4%), sendo que 137 (51,1%) faziam escalas de 24x48 horas. Em relação ao tempo de atuação na PM, 146 (54,5%) policiais atuavam na polícia militar entre três e 10 anos. 90,6% dos policiais não exerciam outra atividade remunerada, 25,5% não praticavam atividade física, 48,5% já havia cometido alguma transgressão disciplinar e 33,6% referiu a existência de problemas que comprometem a qualidade de vida.

Tabela 1. Características sociodemográficas e profissionais dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná – Brasil, 2018.

		n	%
Sexo	Masculino	227	84,7
	Feminino	41	15,3
Faixa Etária	21 - 30 anos	111	41,4
	31 - 40 anos	125	46,6
	41 - 50 anos	32	11,9
Escolaridade	Ensino Médio	73	27,2
	Ensino Superior Incompleto	121	45,1
	Ensino Superior Completo	71	26,5
	Não respondeu	3	1,1
Estado Civil	Casado	181	67,6
	Solteiro	70	26,1
	Separado	14	5,2
	Viúvo	3	1,1
Cargo	Soldado	221	82,8
	Cabo	15	5,6
	Sargento	13	4,9
	Subtenente	2	0,7
	Aspirante	5	1,9
	Tenente	7	2,6
	Capitão	3	1,1
	Major	1	0,4
Função	Administrativo	80	29,9
	Operacional	188	70,1

Tabela 1 (continuação). Características sociodemográficas e profissionais dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná – Brasil, 2018.

		n	%
Jornada de Trabalho	Seis horas	8	3,0
	Oito horas	80	29,9
	24 x 48 horas	137	51,1
	Outros*	42	15,7
	Não respondeu	1	0,4
Turno de Trabalho	Manhã e Tarde	62	23,1
	Tarde e Noite	11	4,1
	Escalas**	194	72,4
	Não respondeu	1	0,4
Tempo de Atuação	Até três anos	59	22,0
	Três a 10 anos	146	54,5
	10 a 20 anos	33	12,3
	Mais de 20 anos	30	11,2
Outra Atividade Remunerada	Sim	25	9,4
	Não	242	90,6
Atividade Física	Sim	199	74,5
	Não	68	25,5
Transgressão Disciplinar	Sim	130	48,5
	Não	138	51,5
Problema que Comprometa QV	Sim	90	33,6
	Não	176	65,7
	Não respondeu	2	0,7

* Jornada de trabalho de 12x24 ou 12x48 horas. ** Turno de trabalho: 12x24 - 12x48 ou 24x48 horas.

Cento e vinte e cinco (46,7%) policiais apresentaram níveis importantes de estresse ocupacional. Conforme mostra a Tabela 2, os profissionais que apresentaram estresse ocupacional eram predominantemente do sexo masculino (86,4%), na faixa etária de 31 a 40 anos (46,4%), com ensino superior incompleto (39,2%), casados (66,4%), soldados (83,9%), que exerciam funções operacionais (71,2%), trabalhavam em jornadas de 12x24 ou 12x48 horas (49,6%), em turno de escalas (74,4%), tinham de três a 10 anos de atuação na PM (55,2%), não tinham outra atividade remunerada (89,6%), praticavam atividade física (5,2%) e já haviam cometido transgressão disciplinar (53,6%).

Tabela 2. Distribuição dos casos de estresse ocupacional, segundo as características sociodemográficas e profissionais dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná – Brasil, 2018.

Variáveis Sociodemográficas e Profissionais	Estresse Ocupacional	
	Sim n (%)	Não n (%)
Sexo		
Masculino	108 (86,4)	117 (83,0)
Feminino	17 (13,6)	24 (17,0)
Faixa Etária		
21 - 30 anos	54 (43,2)	57 (40,4)
31 - 40 anos	58 (46,4)	66 (46,8)
41 - 50 anos	13 (10,4)	18 (12,8)
Escolaridade		
Ensino Médio	36 (28,8)	35 (24,8)
Ensino Superior Incompleto	49 (39,2)	72 (51,1)
Ensino Superior Completo	40 (32,0)	31 (22,0)
Estado Civil		
Casado	83 (66,4)	96 (68,1)
Solteiro	33 (26,4)	37 (26,2)
Separado	7 (5,6)	7 (5,0)
Viúvo	2 (1,6)	1 (0,7)
Cargo		
Soldado	104 (83,9)	116 (82,3)
Cabo	9 (7,3)	5 (3,5)
Sargento	4 (3,2)	9 (6,4)
Subtenente	-	2 (1,4)
Aspirante	-	5 (3,5)
Tenente	5 (4,0)	2 (1,4)
Capitão	2 (1,6)	1 (0,7)
Major	-	1 (0,7)
Função		
Administrativo	36 (28,8)	43 (30,5)
Operacional	89 (71,2)	98 (69,5)
Jornada de Trabalho		
Seis horas	7 (5,6)	1 (0,7)
Oito horas	35 (28,0)	44 (31,2)
24 x 48 horas	21 (16,8)	21 (14,9)
Outros*	62 (49,6)	74 (52,5)

Tabela 2 (continuação). Distribuição dos casos de estresse ocupacional, segundo as características sociodemográficas e profissionais dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná – Brasil, 2018.

Variáveis Sociodemográficas e Profissionais	Estresse Ocupacional	
	Sim n (%)	Não n (%)
Turno de Trabalho		
Manhã e Tarde	26 (20,0)	35 (24,8)
Tarde e Noite	5 (4,0)	6 (4,3)
Escalas**	93 (74,4)	100 (70,9)
Tempo de Atuação		
Até três anos	26 (20,8)	33 (23,4)
Três a 10 anos	69 (55,2)	76 (53,9)
10 a 20 anos	19 (15,2)	14 (9,9)
Mais de 20 anos	11 (8,8)	18 (12,8)
Outra Atividade Remunerada		
Sim	13 (10,4)	12 (8,6)
Não	112 (89,6)	128 (91,4)
Atividade Física		
Sim	94 (75,2)	104 (74,3)
Não	31 (24,8)	36 (25,7)
Transgressão Disciplinar		
Sim	67 (53,6)	61 (43,3)
Não	58 (46,4)	80 (56,7)

Os aspectos estressores, segundo a percepção dos policiais militares foram: [Q16] falta de perspectivas de crescimento na carreira (3,7;±1,3); [Q13] deficiência nos treinamentos profissionais (3,4;±1,2); [Q12] presença de discriminação/favoritismo no ambiente de trabalho (3,1;±1,4); [Q10] longas jornadas de trabalho (3,0;±1,4); [Q1] forma de distribuição das tarefas (2,7;±1,1); [Q2] tipo de controle (2,7;±1,1); [Q5] deficiência na divulgação de informações sobre decisões organizacionais (2,7;±1,2); [Q15] baixa valorização por superiores (2,7;±1,2); [Q3] falta de autonomia na execução do trabalho (2,6;±1,1).

Tabela 3. Avaliação dos itens da EET, segundo a percepção dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná - Brasil, 2018.

Itens da EET	Média (±dp)
Q1 - A forma como as tarefas são distribuídas em minha área tem me deixado nervoso	2,7 (±1,1)
Q2 - O tipo de controle existente em meu trabalho me irrita	2,7 (±1,1)
Q3 - A falta de autonomia na execução do meu trabalho tem sido desgastante	2,6 (±1,1)
Q4 - Tenho me sentido incomodado com a falta de confiança de meu superior sobre o meu trabalho	2,2 (±1,2)
Q5 - Sinto-me irritado com a deficiência na divulgação de informações sobre decisões organizacionais	2,7 (±1,2)
Q6 - Sinto-me incomodado com a falta de informações sobre minhas tarefas no trabalho	2,4 (±1,1)
Q7 - A falta de comunicação entre mim e meus colegas de trabalho deixa-me irritado	2,1 (±1,0)
Q8 - Sinto-me incomodado por meu superior tratar-me mal na frente de colegas de trabalho	2,3 (±1,4)
Q9 - Sinto-me incomodado por ter que realizar tarefas que estão além de minha capacidade	2,4 (±1,2)
Q10 - Fico de mau humor por ter que trabalhar durante muitas horas seguidas	3,0 (±1,4)
Q11 - Sinto-me incomodado com a comunicação existente entre mim e meu superior	2,3 (±1,2)
Q12 - Fico irritado com discriminação/favoritismo no meu ambiente de trabalho	3,1 (±1,4)
Q13 - Tenho me sentido incomodado com a deficiência nos treinamentos para capacitação profissional	3,4 (±1,2)
Q14 - Fico de mau humor por me sentir isolado na organização	2,1 (±1,1)
Q15 - Fico irritado por ser pouco valorizado por meus superiores	2,7 (±1,2)
Q16 - As poucas perspectivas de crescimento na carreira têm me deixado angustiado	3,7 (±1,3)
Q17 - Tenho me sentido incomodado por trabalhar em tarefas abaixo do meu nível de habilidade	2,4 (±1,2)

Tabela 3 (continuação). Avaliação dos itens da EET, segundo a percepção dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná - Brasil, 2018.

Itens da EET	Média (±dp)
Q18 - A competição no meu ambiente de trabalho tem me deixado de mau humor	2,0 (±1,0)
Q19 - A falta de compreensão sobre quais são minhas responsabilidades neste trabalho tem causado irritação	2,3 (±1,1)
Q20 - Tenho estado nervoso por meu superior me dar ordens contraditórias	2,2 (±1,1)
Q21 - Sinto-me irritado por meu superior encobrir meu trabalho bem feito diante de outras pessoas	2,2 (±1,1)
Q22 - O tempo insuficiente para realizar meu volume de trabalho deixa-me nervoso	2,2 (±1,1)
Q23 - Fico incomodado por meu superior evitar me incumbir de responsabilidades importantes	2,1 (±1,0)

dp: desvio padrão.

Conforme mostra a Tabela 4, os níveis de *engagement* dos policiais variaram de 3,8 [médio] a 4,1 [alto]. Os valores do Coeficiente Alfa de Cronbach variaram de 0,790 a 0,940, apontando confiabilidade dos resultados.

Tabela 4. Níveis de *engagement* dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná - Brasil, 2018.

Dimensões UWES	Alfa de Cronbach	Md	Média±dp	IC (95%)	Interpretação	<i>p</i>-valor*
Vigor	0,877	4,0	3,8±1,2	3,6 – 3,9	Médio	
Dedicação	0,893	4,0	4,1±1,3	3,9 – 4,2	Alto	
Absorção	0,790	3,0	3,3±1,2	3,2 – 3,5	Médio	<0,001
Escore Geral	0,940	4,0	3,7±1,2	3,6 – 3,8	Médio	

*Min: mínimo, Max: máximo, Md: mediana, dp: desvio padrão, IC 95%: intervalo de confiança de 95%. *Test t.*

A análise dos escores médios das dimensões da UWES, segundo as características sociodemográficas e profissionais dos policiais militares mostrou que não houve diferenças estatisticamente significativas entre estas variáveis e os níveis de vigor, dedicação, absorção e *engagement* [escore geral].

Conforme mostra a Tabela 5, os níveis de *engagement* e estresse ocupacional apresentaram correlação negativa e estatisticamente significante, ou seja, o aumento do estresse

ocupacional diminui os níveis de *engagement*. Observou-se correlação fraca entre estresse ocupacional e as dimensões Absorção (r: -0,284; $p < 0,001$) e Escore geral (r: -0,393; $p < 0,001$) e moderada com as dimensões Vigor (r: -0,422; $p < 0,001$) e Dedicção (r: -0,414; $p < 0,001$).

Tabela 5. Correlações entre *engagement* e estresse ocupacional dos policiais do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná - Brasil, 2018.

	Estresse Ocupacional	Valor-p
Vigor	-0,422*	<0,001
Dedicção	-0,414**	<0,001
Absorção	-0,284**	<0,001
Escore geral	-0,393**	<0,001

*Correlação significativa no nível 99% ($p < 0,01$).

6 DISCUSSÃO

Os policiais militares do 3º Batalhão de Polícia Militar do estado do Paraná apresentam perfil sociodemográfico e profissional semelhante ao relatado por outros estudos com policiais brasileiros – predomínio do sexo masculino, adultos jovens, com ensino médio, casados; maior contingente de soldados, em função operacional, trabalhando em regime de escalas (ARROYO; BORGES; LOURENÇÃO, 2019; ALMEIDA et al., 2016; ASCARI et al., 2016).

O predomínio do trabalho em regime de escalas é comum entre os policiais militares e corrobora a literatura (ARROYO, 2016; BRASIL, 2019; KNAPIK et al., 2013). Cabe destacar que os policiais militares são uma classe de agentes especiais e, portanto, possuem um tratamento diferenciado, cabendo à lei estadual de cada ente da Federação estabelecer seus direitos e deveres, seguindo os preceitos do militarismo e da Constituição Federal de 1988, em seu artigo 42 (BRASIL, 2019; BRASILEIRO, 2017).

A intensa e arriscada atividade do policial militar atrelada às longas jornadas de trabalho em escalas observadas neste estudo, proporciona uma predisposição natural a dores corporais, como lombalgias, devido ao longo tempo de permanência na posição ereta, uso de equipamentos, como colete balístico e cinto de guarnição, e ao estresse físico e emocional. Nesse sentido, as excessivas jornadas de trabalho, podem intensificar o quadro de estresse e levar ao desenvolvimento de problemas de saúde que se cronificam e comprometem a qualidade de vida destes profissionais (ARROYO, 2016; BRASIL, 2019; KNAPIK et al., 2013; NETO et al., 2013).

O baixo número de policiais do sexo feminino corrobora estudo realizado na Polícia Militar do Distrito Federal, que discute os novos padrões de seleção para a corporação. O autor reforça que, culturalmente, aspectos como exigência de vigor físico, exposição ao risco e jornadas de trabalho nas ruas são indicadas para homens (COSTA; MATOS; SANTOS, 2012).

O percentual de policiais militares com níveis importantes de estresse ocupacional é consoante a outros estudos e, certamente, consequência do ambiente laboral cercado dos mais variados tipos de conflitos, que levam à exposição física e mental do policial, diante das mais diversas ocorrências. É comum que o policial militar, durante sua jornada de trabalho, se depare com conjunturas de riscos iminentes, que se somam a situações condicionantes para o surgimento do estresse, que impactam na saúde do militar, como: jornada de trabalho excessiva, baixa remuneração, apoio logístico precário e falta de

motivação. Nesse contexto, o processo de trabalho do policial militar pode desencadear sentimento de frustração, insegurança, conflitos e insatisfação, fatores ligados diretamente ao estresse ocupacional (AGUIAR, 2007; DOS SANTOS, 2018).

Nesse interim, a literatura destaca, ainda, que as consequências que o estresse ocupacional ocasiona atingem níveis individual, grupal e organizacional. No individual, os registros apontam para queda da eficiência, sobrecarga voluntária de trabalho, explosão emocional, grande nível de tensão, sentimento de frustração, sentimentos de onipotência e agravamento de doenças. No nível grupal há consequências como comportamento hostil, discussões inúteis, pouca contribuição no trabalho, não compartilhamento de problemas, alto nível de insegurança. Já no nível organizacional ocorrem prejuízos como atrasos constantes no cumprimento de prazos, absenteísmo, alta rotatividade de funcionários, baixo nível de esforço e vínculos empobrecidos (DE ALMEIDA et. al., 2017; LIMONGI-FRANÇA; RODRIGUES, 2012).

O predomínio de estresse ocupacional entre soldados (83,9%), que exerciam a função operacional (71,2%) evidencia que a natureza das demandas de serviços operacionais é mais intensa e desgastante, principalmente para os profissionais de baixa patente. A literatura aponta que os policiais que atuam em funções administrativas cumprem escalas de serviços diurnos e, esporadicamente, cumprem escalas extras. Já os policiais que atuam no serviço operacional cumprem funções externas, atuam diretamente com a sociedade, em funções de ostensividade e na manutenção da ordem pública, onde a exposição física e mental é maior, quando comparada aos serviços administrativos. Os riscos inerentes à atuação operacional dos policiais se materializam, sobretudo, nos confrontos armados, em que há elevada exposição e eventos fatais podem acontecer (ARROYO, 2016; BERNARDO et al., 2018).

O fato de mais da metade dos policiais que têm de três a 10 anos de atuação na corporação apresentarem níveis importantes de estresse ocupacional pode estar associado ao elevado rigor imposto na formação e conduta militar. A literatura sustenta que o policial militar deve cumprir com seu dever, denotando um comportamento moral e profissional irrepreensíveis. Igualmente, deve manter uma vida social, fora do regimento disciplinar, com comportamento ilibado, preservando a ordem, cumprindo com as leis do seu país, não se envolvendo em confusões, sendo solidário e participativo nas ações que visam o bem social, entre outros (BORGES; SILVA, 2018).

Da mesma forma, a pressão pelo cumprimento dos valores e dos deveres éticos dos militares, cuja insubordinação configura crime, sujeito a punições severas, é fator que gera desgaste e estresse nos policiais e pode explicar a relação do alto percentual de profissionais

que já responderam por transgressões disciplinares com o estresse ocupacional (BORGES; SILVA, 2018).

A percepção dos policiais militares quanto à falta de perspectivas de crescimento na carreira como fator desencadeante de estresse ocupacional é corroborada por uma pesquisa geral sobre o trabalho policial no Brasil, que demonstrou que a carreira policial já não tem mais tanto atrativo, devido à falta de perspectiva de crescimento dentro das corporações, além da perda de identidade da carreira, altos riscos de morte, sensação de exploração e abandono pela instituição. Tais significados assumiram referenciais negativos e associados a noções de mal-estar no trabalho, podem favorecer o estresse ocupacional (DA SILVEIRA; MEDEIROS, 2016).

Outro aspecto estressor referido pelos policiais militares paranaenses foi a deficiência nos treinamentos profissionais, cuja implementação é imprescindível para a atuação policial. Para ter ciência do momento exato de entrar em ação e garantir a segurança da sociedade, é necessário que os policiais militares sejam constantemente treinados, a fim de garantir excelência na atuação profissional. Somente com o treinamento constante os direitos individuais e coletivos podem ser respeitados (SILVA; MARTINS, 2019).

Ainda sobre a deficiência nos treinamentos, estudos destacam a importância do treinamento periódico em tiro policial, cuja prática que exige respeito a normativas internacionais e nacionais de Direitos Humanos. Nesse contexto, a gestão do conhecimento se tornou uma necessidade urgente dentro das organizações contemporâneas, visto que treinar os profissionais é o melhor investimento para garantir que os objetivos organizacionais sejam alcançados. (VENEZ; SOARES, 2018).

Seguindo esse entendimento, a ausência de treinamento periódico provoca a insegurança do policial na utilização da arma de fogo, fazendo com que ele a use sem necessidade, colocando em risco a sua própria vida e a de terceiros (VENEZ; SOARES, 2018).

No que diz respeito à presença de discriminação/favoritismo no ambiente de trabalho, Muchinsky (2004) aponta que os problemas de discriminação e favoritismo estão associados ao comportamento antissocial dos indivíduos nas organizações, com o escopo de prejudicar os colegas e a própria instituição. O que ratifica tal aspecto ser considerado estressor pelos policiais militares, indicando a necessidade de se intervir nessa situação.

Outro aspecto apontado como estressante foram as longas jornadas de trabalho a que os policiais militares são submetidos. Estudos apontam que o trabalho por turnos pode afetar a qualidade do sono e sua privação pode acarretar danos à saúde dos profissionais. Portanto,

as longas jornadas de trabalho e por turnos rotativos trazem complicações em seu ciclo biológico e circadiano. A Literatura também aponta que o alto nível de atenção e alerta exigido do policial, especialmente durante o trabalho noturno ou em longas jornadas, acrescem as chances de acidentes automobilísticos provocadas por acompanhamentos táticos em ambientes sem luminosidade e confronto armado, que podem ceifar vidas (BERNARDO et al., 2015; TAFIL-KLAWÉ et al., 2005; WAGGONER, 2012).

Com relação à forma de distribuição das tarefas, apontada pelos policiais como fator estressor importante, Silveira e Medeiros (2016) abordam que muitas tarefas desempenhadas causam tensão e contradições na labuta policial, gerando desmotivação para prosseguir na carreira, em decorrência de intervenções que não representam a função pública da polícia e, muitas vezes, servem apenas para atender interesses particulares de superiores hierárquicos. Essa compreensão contempla outro aspecto estressor apontado pelos policiais paranaenses, que é o tipo de controle existente no trabalho policial, pois o excessivo controle no desempenho das funções é fator que leva à irritabilidade e acentua o estresse ocupacional (DE ALMEIDA, 2016).

A deficiência na divulgação das informações relacionadas às decisões organizacionais é um fator que gera irritabilidade nos policiais, evidenciando que o problema de comunicação se faz presente entre os profissionais estudados e a corporação. A comunicação interna nas instituições é um importante elemento para a gestão do conhecimento nas organizações, sobretudo de forma estratégica, visto que, quando existe boa comunicação, o ambiente corporativo torna-se melhor, gerando reflexos positivos no ambiente externo (CRUZ; SILVA; MENEGASSI, 2018).

Além disso, a baixa valorização por superiores relacionada à falta de divulgação das informações, sobretudo decisões organizacionais, implica diretamente no cotidiano de trabalho, gerando estresse e desgaste profissional (BELLENZANI; PARO; DE OLIVEIRA, 2016). Embora seja rotina dos policiais militares lidar com essas relações assimétricas de poder, o modelo rígido de patentes não é uma problemática para o policial. Entretanto, torna-se prejudicial na medida em que esses fatores contribuem para a humilhação e a desvalorização do profissional, como o uso da patente para constranger e oprimir subordinados, fato que fortalece estados de baixa autoestima e desvalorização profissional (SALES; DE SÁ, 2016).

Ademais, Rangé (2001) elucida que, uma chefia intransigente e autoritária, colegas de trabalho pouco colaborativos, com excesso de competitividade, carga horária excessiva e longas jornada de trabalho, entre outras situações, são elementos que provocam estresse

ocupacional. Assim, qualquer situação causadora de um estado emocional intenso, que provoque rompimento da homeostase interna, demandando alguma adaptação, pode ser um estressor.

Contrapondo os aspectos estressores analisados, a relação positiva dos policiais militares com o trabalho (*engagement*) foi muito boa, demonstrando que estes profissionais apresentam altos níveis de energia e se identificam com o trabalho. Os resultados observados entre os policiais militares corroboram estudos nacionais realizados com outros profissionais, como residentes médicos de pediatria, profissionais de saúde matriculados em programas de aprimoramento e aperfeiçoamento profissional, enfermeiros e trabalhadores da atenção básica em saúde (CORDIOLI et al., 2019; LOURENCAO; SILVA; BORGES, 2019; LOURENÇÃO, 2018; GONSALEZ et al., 2017; TEIXEIRA et al., 2017).

O *engagement* é um fenômeno relacionado ao ambiente laboral do trabalhador e é influenciado por características individuais, organizacionais e específicas do trabalho (CORDIOLI et al., 2019). Este estudo corrobora tais afirmações, ao encontrar variações entre valores médios e altos nos níveis de *engagement* dos policiais militares.

No que diz respeito à dimensão Vigor, o nível médio apresentado pelos policiais militares pode colaborar para a redução do estresse ocupacional. Estudo recente sobre o impacto da resiliência diante do estresse ocupacional em policiais apontou potencial de impacto positivo da resiliência na redução do estresse ocupacional entre policiais, especialmente os do sexo feminino (CHITRA; KARUNANIDHI, 2018).

O alto nível de Dedicção apresentado pelos policiais militares evidencia que os profissionais se encontram entusiasmados e identificam-se com o trabalho. De acordo com a literatura, para que os trabalhadores apresentem níveis elevados de *engagement*, é importante que o ambiente de trabalho proporcione suporte social entre os profissionais. Da mesma forma, níveis satisfatórios de Dedicção entre os trabalhadores dependerá da capacidade de suporte das chefias (SULLIVAN; WARSHAWSKY; VASEY, 2013; SCHAUFELI; SALANOVA, 2008; LOURENÇÃO, 2018).

Estudo sobre *engagement* e *burnout* realizado nos países baixos, com mais de dois mil policiais, concluiu que os profissionais que faziam parte de equipes altamente envolvidas com as atividades laborais apresentavam níveis mais elevados de Vigor, Dedicção e Absorção. Estes resultados reforçam as vantagens de ambientes laborais saudáveis para o bom desempenho das funções (BAKKER; EMMERIK; EUWEMA, 2006).

O nível médio de Absorção apresentado pelos policiais militares estudados retrata que esses profissionais apresentam bom foco e concentração na execução de suas missões,

algo importante para o trabalho diário da polícia. Estudo com policiais militares do estado da Bahia, demonstrou que os policiais militares apresentaram níveis de Dedicção e Absorção maiores do que o observado em outras profissões. Para os autores, essa diferença pode ser maior quando se compara policiais com alguns profissionais de saúde, assistentes sociais e conselheiros tutelares (GUEDES, 2018; SCHAUFELI; BAKKER; SALANOVA, 2006).

Segundo Gonsales et. al. (2017) os profissionais que apresentam relação positiva com o trabalho são responsáveis, motivados e dedicados às suas funções, entusiasmados, sentem-se orgulhosos das atividades que executam, apresentam elevados níveis de disposição, concentração e persistência frente às adversidades. No entanto, mesmo apresentando altos níveis de *engagement*, os policiais podem apresentar cansaço físico após o expediente. Todavia, o *engagement* se associa à satisfação e ao prazer do profissional na realização de suas funções, ou seja, a diferença está na inspiração e na satisfação em realizar suas atribuições, que são significativas e prazerosas (DE ALMEIDA et. al., 2017).

Por fim, destaca-se que o estresse ocupacional pode impactar negativamente nos níveis de *engagement* dos policiais, comprometendo o andamento do serviço da corporação policial. Nesse contexto, a literatura salienta que os níveis de *engagement* podem ser aprimorados com base em fatores relacionados ao trabalho, como carga de trabalho adequada, flexibilidade nos tipos de controle, ações de valorização e recompensa, treinamentos e capacitações permanentes, valorização e reconhecimento organizacional (BAKKER; ALBRECHT; LEITER, 2011).

O estudo apresenta como limitação a abordagem de apenas um Batalhão da Polícia Militar do Estado do Paraná, não permitindo a generalização dos resultados para toda a corporação estadual, bem como para outras regiões do Brasil. Dessa forma, sugere-se a realização de novos estudos, com ampliação da amostra de policiais paranaenses e a inclusão de corporações de outros estados brasileiros, permitindo a comparação e discussão de diferenças e semelhanças regionais, e contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre essa temática relevante para toda a sociedade brasileira.

7 CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo demonstram que há um importante número de policiais militares do 3º BPM/PR com estresse ocupacional. No entanto, estes profissionais apresentam bons níveis de *engagement*, especialmente no domínio Dedicção, ou seja, são profissionais altamente entusiasmados, inspirados e orgulhosos com o trabalho policial.

O estudo permitiu, ainda, a identificação dos fatores que desencadeiam estresse ocupacional entre os policiais militares e, ao identificar os níveis de *engagement* dos policiais militares, favoreceu o conhecimento sobre o envolvimento destes profissionais com o ambiente ocupacional.

Conclui-se, assim, que é importante identificar e intervir nos fatores que causam estresse ocupacional, implementando medidas que minimizem o estresse ocupacional e estimulem o *engagement* entre os policiais.

Esses resultados contribuirão para que a corporação instigue a implementação de estratégias que estimulem o desenvolvimento dos aspectos positivos e reduzam a influência dos negativos, a partir de intervenções organizacionais que favoreçam a melhoria da saúde e da qualidade de vida destes profissionais, impactando na segurança da sociedade adscrita.

REFERÊNCIAS

AGNST, R.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T.; PORTO-MARTINS, P.C. Utrecht Work Engagement Scale. Curitiba: GEPEB; 2009.

AGUIAR, F. L. S. **Estresse ocupacional**: contribuições das pirâmides coloridas de Pfister no contexto policial militar. 2007. 98f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Pará, Belém - PA, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/1890>. Acesso em: 27 nov. 2019.

ALBDOUR, A. A.; ALTARAWNEH, I. I. Employee Engagement and Organizational Commitment. **International Journal of Business**, Stockton, United States. v. 19, n. 02, p. 192–212, 2014. Available from: <https://www.craig.csufresno.edu/ijb/Volumes/Volume%2019/V192-5.pdf>. Access on: 2019 set. 21.

ALMALE, B. D. et al. An epidemiologic study of occupational stress factors in Mumbai police personnel. **Indian Journal of Occupational and Environmental Medicine**, India v. 18, n. 3, p. 109-112, 2014. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4292194/>. Access on 2019 set. 16.

ALMEIDA, D. M. et al. Avaliação do Estresse Ocupacional no cotidiano de Policiais Militares do Rio Grande do Sul. **Rev. Organizações em Contexto**, São Bernardo do Campo, vol. 13, n. 26, 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/OC/article/view/7206/pdf>. Acesso em: 16 set. 2019.

ALMEIDA, D. M. et al. Satisfação no Trabalho dos Policiais Militares do Rio Grande do Sul: um Estudo Quantitativo. **Psicol. cienc. prof.**, v. 36, n. 4, p. 801-815, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000362016>. Acesso em 26 nov. 2019.

ANDRADE, J. de S.; GUIMARÃES, L. A. M. Estresse ocupacional, hardiness, qualidade de vida de policiais militares. **R. Laborativa**, v. 6, n. 1, p. 80-105, 2017. Disponível em: <http://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa/article/view/1661/pdf>. Acesso em 16 set. 2019.

ARROYO, T. R. **Qualidade de vida de policiais militares do Comando de Policiamento do Interior–5ª Região (CPI-5) do Estado de São Paulo**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Saúde) – Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, SP, 2016. Disponível em <http://bdtd.famerp.br/handle/tede/489>. Acesso em 03 nov. 2019.

ARROYO, T. R.; BORGES, M. A.; LOURENÇÃO, L. G. Saúde e qualidade de vida de policiais militares. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 32:7738, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5020/18061230.2019.7738>. Acesso em: 28 out. 2019.

ASCARI, R. A. et al. Prevalence of risk for burnout syndrome among military police. **Cogitare enferm.**, Curitiba, v. 21, n. 2, p. 1–10, 2016. Available from: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v21i2.44610>. Access on: 2019 Sept 10.

BAKKER, A. B. Building engagement in the workplace. In **R. J. Burke & C. L. Cooper (Eds.), The peak performing organization**. Oxon, UK: Routledge. p. 50–72, 2009.

BAKKER, A. B.; ALBRECHT, S. L.; LEITER, M. P. Key questions regarding work engagement. **European journal of work and organizational psychology**, v. 20, n. 1, p. 4-28, 2011. Available from: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/1359432X.2010.485352>. Access on 2019 dez. 03.

BAKKER, A. B.; EMMERIK, H. van; EUWEMA, M. C. Crossover of burnout and engagement in work teams. **Work and occupations**, v. 33, n. 4, p. 464-489, 2006. Available from: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0730888406291310>. Access on 2019 dez. 02.

BAKKER, A. B.; SCHAUFELI, W. B.; LEITER, M. P.; TARIS, T. W. Work engagement: Na emerging concept in occupational health psychology. **Work and Stress**, n. 22, p. 187–200, 2008. Available from: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02678370802393649>. Access on 2019 set. 19.

BELLENZANI, R.; PARO, D. M.; DE OLIVEIRA, M. C. Trabalho em saúde mental e estresse na equipe: questões para a política nacional de humanização/SUS. **Revista psicologia e saúde**, v. 1, n. 8, 2016. Disponível em: <http://www.gpec.ucdb.br/pssa/index.php/pssa/article/view/485>. Acesso em 01 dez. 2019.

BENJAMIN, R. V. G.; LEONIE, W. B. Affective organizational commitment, work engagement and service performance among police officers", **Policing: An International Journal of Police Strategies & Management**, v. 39, n. 1, p. 206-221, 2016. Available from: <https://doi.org/10.1108/PIJPSM-10-2015-0123>. Access on: 2019 set. 21.

BERNARDO, V. M. et al. Atividade física e qualidade de sono em policiais militares. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 40, n. 2, p. 131-137, 2018. Disponível em : <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328916302128>. Acesso em 28 nov. 2019.

BERNARDO, V. M. et al. Efeitos do Trabalho em Turnos na Qualidade do Sono de Policiais: Uma Revisão Sistemática. **Revista Cubana de Medicina Militar**, v. 44, n. 3, p. 334-345, 2015. Disponível em: <https://www.medigraphic.com/cgi-bin/new/resumen.cgi?IDARTICULO=64151>. Acesso em 03 dez. 2019.

BORGES, V. C.; SILVA, A. R. **Possibilidades de cabimento do habeas corpus nas punições disciplinares militares**. 2018. 17 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás – CAPM, Goiânia, 2019. Disponível em: <http://dspace.pm.go.gov.br:8080/pmgo/handle/123456789/1651>. Acesso em 28 nov. 2019.

BOTEGA, N. J. **Crise suicida: avaliação e manejo**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BRASIL, CÂMARA DOS DEPUTADOS. (2017). **Constituição da República Federativa do Brasil**. (52a. ed.). Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados [Versão n. 139 pdf]. Disponível: <http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/15261>. Acesso em 26 out. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n° 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: **Diário Oficial da União**, 2013.

BRASILEIRO, A. C. B. **Jornada de trabalho dos policiais militares do Estado da Paraíba: omissão legislativa e garantias constitucionais**. 2017. Disponível em <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/17218>. Acesso em 03 nov. 2019.

CHEN, C.M.; LEE, H.T.; CHEN, S.H.; TSAI, T.H. The police service quality in rural Taiwan. A comparative analysis of perceptions and satisfaction between police staff and citizens. **Policing: An International Journal of Police Strategies & Management**, v. 37, n. 3, p. 521-542, 2014. Available from: <https://doi.org/10.1108/PIJPSM-08-2012-0086>. Access on: 2019 set. 21.

CHITRA, T.; KARUNANIDHI, S. The Impact of Resilience Training on Occupational Stress, Resilience, Job Satisfaction, and Psychological Well-being of Female Police Officers. **Journal of Police and Criminal Psychology**, p. 1-16, 2018. Available from: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11896-018-9294-9>. Access on 2019 dez. 02.

COOPER, C. L. **Theories of organizational stress**. New York: Oxford, 1998.

COOPER, C. L.; SLOAN, S. J.; WILLIAMS, J. **Occupational stress indicator management guide**. Windsor: NFER-Nelson, 1988.

CORDIOLI, D. F. C. et al. Occupational stress and engagement in primary health care workers. **Revista brasileira de enfermagem**, v. 72, n. 6, p. 1580-1587, 2019. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672019000601580&script=sci_arttext. Access on 2019 dez. 03.

COSTA, A. T.; MATTOS, M. J. S.; SANTOS, L. M. Os novos padrões de seleção na polícia militar do Distrito Federal. **Desigualdade & Diversidade**, v. 11, n. 1, p. 115-132, 2012.

CRUZ, E. R.; SILVA, M. J.; MENEGASSI, C. A comunicação interna nas organizações na perspectiva da gestão do conhecimento. 2018. Disponível em: <http://rdu.unicesumar.edu.br/handle/123456789/2299>. Acesso em 29 nov. 2019.

DA MOTA, F. M.; DE OLIVEIRA, A. G. **O impacto do estresse ocupacional do policial**. Biblioteca Digital de Segurança Pública militar na convivência familiar, 2019. Disponível em: <http://dspace.pm.go.gov.br:8080/pmgo/handle/123456789/1544>. Acesso 24 nov. 2019.

DA SILVA, W. M.; DE SOUZA, A. A.; SAMARIDI, I. **Síndrome de Burnout na Segurança Pública**. Goiânia, p. 1-17, 2018. Disponível em: [https://acervodigital.ssp.go.gov.br/pmgo/bitstream/123456789/1348/1/973146734-1959 Wilston Monteiro Da Silva Depósito Final 13447 764800062.pdf](https://acervodigital.ssp.go.gov.br/pmgo/bitstream/123456789/1348/1/973146734-1959%20Wilston%20Monteiro%20Da%20Silva%20Depósito%20Final%2013447%20764800062.pdf) . Acesso em: 30 mai. 2019.

DA SILVEIRA, R. A.; MEDEIROS, C. R. O herói-envergonhado: tensões e contradições no cotidiano do trabalho policial. **Rev. bras. segur. pública** | São Paulo v, v. 10, n. 2, p. 134-153, 2016. Disponível em: <http://www.revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/699>. Acesso em 29 nov. 2019.

DE ALMEIDA, D. M. et al. Avaliação do estresse ocupacional no cotidiano de policiais militares do Rio Grande do Sul. **Revista Organizações em Contexto**, v. 13, n. 26, p. 215-238, 2017. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/OC/article/view/7206>. Acesso em 03 dez 2019.

DE ALMEIDA, D. M. et al. Satisfação no trabalho dos policiais militares do Rio Grande do Sul: um estudo quantitativo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, n. 4, p. 801-815, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5860669>. Acesso em 29 nov. 2019.

DO PRADO, C. E. P. Estresse ocupacional: causas e consequências. **Revista Brasileira de Medicina do Trabalho**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 286–289, 2016. Disponível em: <http://www.rbmt.org.br/details/122/pt-BR/estresse-ocupacional--causas-e-consequencias>. Acesso em: 16 set. 2019.

DOS SANTOS, M. J. et al. Percepção de policiais militares em relação ao estresse ocupacional. **Revista humanidades**, v. 7, n. 2, 2018. Disponível em : http://www.revistahumanidades.com.br/arquivos_up/artigos/a178.pdf. Acesso em: 27 nov. 2019.

FERRARI, Juliana Spinelli. "**Estresse Ocupacional**"; Brasil Escola [internet]. 2019. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/stress-ocupacional.htm>. Acesso em: 10 set. 2019.

FERRAZ, F. C.; FRANCISCO, F. R.; OLIVEIRA, C. S. **Stress at work**. Archives of Health Investigation, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 1-8, 2014. Disponível em: <http://archhealthinvestigation.com.br/ArchHI/article/view/797>. Acesso em: 16 set. 2019.

FERREIRA, C. A. A.; COSTA, L. D. **A concepção de “ser militar” para os policiais militares da 33ª CIPM do entorno sul**. Biblioteca Nacional de Segurança Pública, 2018. Disponível em: <https://acervodigital.ssp.go.gov.br/pmgo/bitstream/123456789/893/1/FERREIRA%2C%20Carlos%20André%20Alves.pdf>. Acesso em: 16 set. 2019.

FERREIRA, R. A.; DAHER, M. J. E. O Estresse Ocupacional À Luz Dos Agentes Comunitários De Saúde : Uma Revisão Integrativa Occupational Stress in the Light of Community Health Agents : an Integrative Review. **Revista Rede de Cuidados em Saúde**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p. 1-13, 2015. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/rcs/article/view/2395/1276>. Acesso 19 set. 2019.

FERREIRA. et al. **Estresse , retaliação e percepção de injustiça nas organizações : proposição de modelo teórico integrativo**. Cad. EBAPE.BR, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 774–787, 2018. Disponível em:

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/67310/73820>. Acesso em: 16 set. 2019.

FREITAS, A.R., CAMESECA, E.C., PAIVA, B.S.R. Impacto de um programa de atividade física sobre ansiedade, depressão, estresse ocupacional e síndrome de Burnout dos profissionais de enfermagem no trabalho, **Rev. Latino-Am. Enferm.** São Paulo v.22, n.2, p. 332-6, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v22n2/pt_0104-1169-rlae-22-02-00332.pdf. Acesso em: 19 set. 2019.

GONÇALVES, S. J. C.; VEIGA, A. J. S.; RODRIGUES, L. M. S. Qualidade de Vida dos Policiais Militares que Atuam na Área da 2ª CIA do 10º Batalhão Militar (Miguel Pereira e Paty do Alferes). **Revista Fluminense de Extensão Universitária**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 53-76, 2012. Disponível em: <http://editorauss.uss.br/index.php/RFEU/article/view/557>. Acesso em 26 out. 2017.

GONSALEZ, E. G. et al. Engagement no trabalho em profissionais de programas de aprimoramento profissional em saúde. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 25, n. 3, 2017. Disponível em: <http://www.cadernosdeto.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1734>. Acesso em 01 dez. 2019.

GUEDES, H. D. **Trabalho emocional, identidade e engajamento no trabalho com policiais militares: Testando modelos de predição e mediação**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25662>. Acesso em 02 dez. 2019.

GUIMARÃES, L. A. et al. Síndrome de burnout e qualidade de vida de policiais militares e policiais civis. **Revista Sul Americana de Psicologia**, [S.l.], v. 2, n. 1, 2014. Disponível em: <http://www.revista.unisal.br/am/index.php/psico/article/view/32>. Acesso em: 28 out. 2019.

HU, Q.; SCHAUFELI, W. B.; TARIS, T. W. How are changes in exposure to job demands and job resources related to burnout and engagement? A longitudinal study among Chinese nurses and police officers. **Stress Health**, v. 33, n. 5, p. 631–644, 2017. Available from: <https://doi.org/10.1002/smi.2750>. Access on 2019 Sept 10.

JEX, S. M. **Stress and Job Performance**. London: Sage, 1998.

KNAPIK, Joseph J. et al. A prospective investigation of injury incidence and risk factors among army recruits in combat engineer training. **Journal of occupational medicine and toxicology**, v. 8, n. 1, p. 5, 2013. Available from: <https://occup-med.biomedcentral.com/articles/10.1186/1745-6673-8-5>. Access on 2019 nov. 30

KULBARSH, P. **2015 Police suicide statistics** [internet]. 2016. Available from: <http://www.officer.com/article/12156622/2015-police-suicide-statistics>. Access on 2019 Jul 01.

LAZZARINI, A. **Estudos de Direito Administrativo**. Editora Revista dos Tribunais. São Paulo, 2ª ed. p. 74. 2008.

LIMONGI-FRANÇA, A. C.; RODRIGUES, A. L. **Stress e Trabalho**: Uma abordagem psicossomática. 4. ed. 5. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

LIPP, M. E. N (Org.). **Mecanismos Neuropsicofisiológicos do stress: teorias e aplicações clínicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

LIPP, M. E. N. **Crianças estressadas, causas, sintomas e soluções**. Campinas: Papirus, 2000.

LIPP, M. E. N.; COSTA, K. R. S. N.; NUNES, V. O. Estresse, qualidade de vida e estressores ocupacionais de policiais: Sintomas mais frequentes. **Rev. Psicol., Organ. Trab.** v. 17 n., Brasília, 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v17n1/v17n1a06.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2019.

LOURENÇÃO, L.G. Engagement no trabalho entre residentes e aprimorandos de enfermagem. **Rev Bras Enferm.** Brasília, v. 71(Suppl 4), p. 1487-92, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0278>. Acesso em 21 set. 2019.

LOURENCAO, L. G.; SILVA, A. G.; BORGES, M. A. Levels of engagement in primary health care professionals: a comparative study in two Brazilian municipalities. **Esc. Anna Nery**, v. 23, n. 3, e20190005, 2019. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2019-0005>. Access on 05 Dec. 2019.

MA, C. C. et al. Shift Work and Occupational Stress in Police Officers. **Safety and Health at Work**, Bethesda, v. 6, n. 1, p. 5-29, 2015. Available from: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S2093791114000766?via%3Dihub>. Access on 2019 set. 16.

MACEY, W. H.; SCHNEIDER, B. The meaning of employee engagement. **Industrial and Organizational Psychology**, v.1, s/n, p. 3-30, 2008. Available from: http://www.benschneiderphd.com/Macey-Schneider_IOP_March_08.pdf. Access on: 2019 Sept 10.

MARINHO, M. T. et al. Fatores geradores de estresse em policiais militares: revisão sistemática. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 6, p. 0-2, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.18554/refacs.v6i0.3132>. Acesso em: 16 set. 2019.

MASLACH, C. **Entendendo o burnout In**: Rossi AM, Perrewé PL, Sauter SL, organizadores. Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional. São Paulo. Atlas, p.41-55, 2005.

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R.; CONSTANTINO, P. coords. Estratégias de Pesquisa: triangulando métodos, técnicas e perspectivas. In: **Missão prevenir e proteger**: condições de vida, trabalho e saúde dos policiais militares do Rio de Janeiro [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, p. 24-40, 2008. Available from: <http://books.scielo.org/id/y28rt/pdf/minayo-9788575413395-03.pdf>. Access on 2019 Sept 10.

MINISTÉRIO PÚBLICO DE GOIÁS. **Polícia Militar institui Núcleo de Atenção Biopsicossocial e promotor arquiva procedimento**. Segurança do trabalho [internet].

2015. Disponível em: http://www.mpggo.mp.br/portal/noticia/policia-militar-institui-nucleo-de-atencao-biopsicossocial-e-promotor-arquivo-procedimento#.XQ_UjC3Oqit. Acesso em: 23 jun. 2019.

MIRANDA, D. (Org.). **Por que policiais se matam?:** diagnóstico e prevenção do comportamento suicida na polícia militar do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2016.

MUCHINSKY, P. M. **Psicologia Organizacional**. São Paulo: Pioneira Thompson Learnig, 2004.

MUNIZ, J. A Crise de Identidade das Polícia Militares Brasileiras : Dilemas e Paradoxos da Formação Educacional. **Security and Defense Studies Review**. v. 1, p. 177–198, 2001. Available from: http://nc-moodle.fgv.br/cursos/centro_rec/docs/a_crise_identidade_policia.pdf Access on 2019 Sept 10.

NETO, A. T. et al. Lombalgia na atividade policial militar: análise da prevalência, repercussões laborativas e custo indireto. **Rev. Baiana Saúde Públ.**; v.37, n.2. p. 365-374, 2013.

NEVES, L. et al. Sintomatologia De Estresse Em Policiais Militares Numa Cidade Do Interior De Rondônia. **Reinpec**, Itaperuna, v. 2, n. 1, p. 191–204, 2016. Disponível em: <http://reinpec.srvroot.com:8686/reinpec/index.php/reinpec/article/view/163/60>. Acesso em: 16 set. 2019.

OLIVEIRA, K. L.; SANTOS, L. M. Percepção da saúde mental em policiais militares da força tática e de rua. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 12, n. 25, p. 224-50, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/v12n25/09.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2019.

OLIVEIRA, P. L. M.; BARDAGI, M. P. Estresse e comprometimento com a carreira em policiais militares. **Bol. psicol**, São Paulo, v. 59, n. 131, p.153-66, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v59n131/v59n131a03.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2019.

PACICO. C. J.; BASTIANELLO. M. R. As origens da psicologia positiva e os primeiros estudos brasileiros. **Avaliação em Psicologia Positiva**, p. 13–21, 2014. Disponível em: https://www.larpsi.com.br/media/mconnect_uploadfiles/c/a/cap_01_1_.pdf. Acesso 19 set. 2019.

PASCHOAL, T. E.; TAMAYO, A. Validação da Escala de Estresse no Trabalho. **Estud. psicol**. Brasília. v. 9, n. 1, p. 45-52, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n1/22380.pdf>. Acesso em 21 nov. 2019.

PAULINO, F. R. **O adoecimento psicológico do policial militar do Ceará**. Revista Trabalho e Sociedade, Fortaleza, v.2, n.2, p.58-77, 2014.

PERES, R. S. **Estresse ocupacional e o trabalho de caixas que atuam em instituições bancárias privadas localizadas em Belo Horizonte**. 2014. 134p. Dissertação (Mestrado em Administração) Faculdade Novos Horizontes, Belo Horizonte, 2014. Disponível em

<http://www.unihorizontes.br/mestrado2/estresse-ocupacional-e-o-trabalho-de-caixas-que-atuam-em-instituicoes-bancarias-privadas-em-belo-horizonte/>. Acesso em: 16 nov. 2019.

PORTO-MARTINS, P. C.; BASSO-MACHADO, P. G.; BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. Engagement no trabalho: uma discussão teórica. **Fractal, Rev. Psicol.**, v. 25, n. 3, p. 629-644, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922013000300013>. Acesso em 28 nov. 2019.

RANGÉ, B. (2001). **Psicoterapia cognitivo-comportamental**. Porto Alegre: Artmed.

RIBEIRO, L. C. **História das polícias militares no Brasil e da Brigada Militar no Rio Grande do Sul**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, p. 1–21, 2011. Disponível em : http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1313022007_ARQUIVO_textoANPUH.pdf. Acesso em: 10 set. 2019.

RICHARDSEN, A. M.; BURKE, R. J.; MARTINUSSEN, M. Work and health outcomes among police officers: The mediating role of police cynicism and engagement. **International Journal of Stress Management**, v. 13, n. 4, p. 555–574, 2006. Available from: <https://psycnet.apa.org/record/2006-21928-010>. Access on: 2019 set. 21.

RODRIGUES, S. **Stress, coping and engagement among police officers: new methodological approaches**. 2016. 205p. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2016. Disponível em: https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=150605. Acesso em: 10 set. 2019.

ROUQUAYROL, M. Z; SILVA, M. G. C. **Epidemiologia & Saúde**. 7. ed. Rio de Janeiro: MedBook, 2013.

SALES, L. J. M.; DE SÁ, L. D. A condição do policial militar em atendimento clínico: uma análise das narrativas sobre adoecimento, sofrimento e medo no contexto profissional. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 13, n. 25, p. 181-206, 2016. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/4279>. Acesso em 01 dez. 2019.

SANTOS, F. H. R. DOS. **A construção da identidade profissional policial-militar orientada pelas lógicas institucionais: um estudo de caso no estado do paraná**. 2016. 226p. Tese (Mestrado em Administração, área de Concetração Estratégia e Análise Organizacional, do Setor de Ciências Sociais) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/43092/R%20-%20D%20-%20FELIPE%20HALEYSON%20RIBEIRO%20DOS%20SANTOS.pdf?sequence=3&isAllowed=y> Acesso em 16 set. 2019.

SAUTER, S. (Org.). Stress e qualidade de vida no trabalho. São Paulo: Atlas, 2007.

SCHAUFELI, W. B. et al. The Measurement of Engagement and Burnout: A Two Sample Confirmatory Factor Analytic Approach. **Journal of Happiness Studies**, v. 3, n. 1, p. 71-

92, 2002. Available from: <https://doi.org/10.1023/A:1015630930326>. Access on: 2019 oct. 28.

SCHAUFELI, W. B. Work engagement: What do we know and where do we go. **Romanian Journal of Applied Psychology**, v. 14, n. 1, p. 3-10, 2012. Available from: <https://lirias.kuleuven.be/retrieve/307310>. Access on 2019 dez. 03.

SCHAUFELI, W. B.; BAKKER, A. B. Defining and measuring work engagement: Bringing clarity to the concept. New York: **Psychology Press**. p. 10–24, 2010. Available from: <https://psycnet.apa.org/record/2010-06187-002>. Access on 2019 set. 19.

SCHAUFELI, W. B.; BAKKER, A. B. Job demands, job resources and their relationship with burnout and engagement: a multi-sample study. **Journal of Occupational Behavior**, v.25, n. 3, p. 293-315, 2004. Available from: <https://www.wilmarschaufeli.nl/publications/Schaufeli/209.pdf>. Access on 2019 set. 19.

SCHAUFELI, W. B.; BAKKER, A. B.; SALANOVA, M. The measurement of work engagement with a short questionnaire: A cross-national study. **Educational and psychological measurement**, v. 66, n. 4, p. 701-716, 2006. Available from: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0013164405282471>. Access on 2019 dez. 02.

SCHAUFELI, W. B.; SALANOVA, M. Enhancing work engagement through the management of human resources. **The individual in the changing working life**, 2008. Available from: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=mJ1aYowj0IYC&oi=fnd&pg=PA380&dq=Enhancing+work+engagement+th+rough+the+management+of+human+resources&ots=vvMtQ_3b9B&sig=Sz6XFEhAAg-zYiBQCwHLI1EpfU. Access on 2019 dez. 02.

SCHAUFELI, W. B.; SALANOVA, M.; GONZA´LEZ-ROMA´, V.; BAKKER, A. B. The measurement of engagement and burnout: A two sample confirmatory factor analytic approach. **Journal of Happiness Studies**, n. 3, p. 71–92. 2002. Available from: <https://www.wilmarschaufeli.nl/publications/Schaufeli/178.pdf>. Access on 2019 set. 19.

SCHAUFELI, W.; DE WITTE, H. Work Engagement: Real or Redundant? **Burnout Research**, v. 5, p. 1–2, 2017. Available from: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S221305861730027X?via%3Dihub>. Access on 2019 set. 19.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA; POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ [PMPRa]. **Histórico**. Curitiba, 2017. Disponível em: <http://www.pmpr.pr.gov.br/Pagina/Historico> . Acesso em: 10 set. 2019.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA; POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ [PMPRb]. 5º Comando Regional de Polícia Militar: 3º BPM – **Histórico**. Curitiba, 2017. Disponível em: <http://www.pmpr.pr.gov.br/Pagina/Historico> Acesso em: 10 set. 2019.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA; POLÍCIA MILITAR DO PARANÁ [PMPRc]. 5º Comando Regional de Polícia Militar: 3º

BPM – **Histórico**. Curitiba, 2017. Disponível em: <http://www.3bpm.com.br/historico>
Acesso em: 10 set. 2019.

SELYE, H. **The stress of life**. New York: McGraw Hill, 1984.

SENTONE, R. G.; SOUZA, R. M. Efeitos Físicos, Cognitivos E Na Proficiência Do Tiro Após Jornada De Serviço Noturno De Policiais Militares Do Estado Do Paraná. **Revista Digital Efdeportes**, Bueno Aires, n. 223, 2016. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd223/efeitos-fisicos-apos-servico-noturno-de-policiais.htm>. Acesso em: 16 set. 2019.

SILVA, E. D.; MARTINS, A. C. C. Abordagem policial como conduta ética e legal. 2019. **Biblioteca Digital de Segurança Pública - Acervo Digital**. Disponível em: <https://acervodigital.ssp.go.gov.br/pmgo/handle/123456789/1478>. Acesso em 29 nov. 2019.

SILVA, M. A.; BUENO, H. P. V. O suicídio entre policiais militares na polícia militar do paraná: esforços para preven o. **Rev. de ciências policiais da APMG**, São José dos Pinhais, v. 1, n. 1, p. 5-23, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.pr.gov.br/index.php/apmg/edicao-1-artigo-01>. Acesso em: 21set. 2019.

SILVEIRA, R. A.; MEDEIROS, C. R. O. O herói-envergonhado: tensões e contradi es no cotidiano do trabalho policial. **Rev. bras. segur. Pública**, v. 10, n. 2, p. 134-153, 2016. Disponível em: <http://www.revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/699>. Acesso em: 21set. 2019

SOUZA FILHO, M. J. et al. Avalia o da qualidade de vida de policiais militares. **R. bras. Ci. e Mov.**, v. 23, n. 4, p. 159-169, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18511/0103-1716/rbcm.v23n4p159-169>. Acesso em: 10 set. 2019.

SULLIVAN, H. D.; WARSHAWSKY, N. E.; VASEY, J. RN work engagement in generational cohorts: The view from rural US hospitals. **Journal of Nursing Management**, v. 21, n. 7, p. 927-940, 2013. Available from: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jonm.12171>. Access on 2019 dez. 02.

TABOSA, M. P. O.; CORDEIRO, A. T. Estresse Ocupacional: Análise Do Ambiente Laboral De Uma Cooperativa De Médicos De Pernambuco. **Revista de Carreiras e Pessoas (ReCaPe)**, v. 8, n. 2, p. 282–303, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20503/recape.v8i2.35197>. Acesso em: 21 set. 2019.

TAFIL-KLAWE, M. et al. Does night work favor sleep-related accidents in police officers?. **Journal of physiology and pharmacology**, v. 56, p. 223, 2005. Available from: http://www.jpp.krakow.pl/journal/archive/09_05_s4/pdf/223_09_05_s4_article.pdf. Access on 2019 nov. 30.

TEIXEIRA, P. R. et al. *Engagement* no Trabalho em Residentes Médicos de Pediatria. **Rev. bras. educ. med.**, v. 41, n. 1, p. 126-133, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1rb20160039>. Acesso em: 05 dez. 2019.

TRIBUNAL REGIONAL DO TRABALHO DE MINAS GERAIS [TRT-MG].- JURÍDICAS. **Reportagem especial sobre depressão no trabalho**. Disponível em: <https://portal.trt3.jus.br/internet/imprensa/noticias-juridicas/nj-especial-vamos-conversar-sobre-depressao-no-trabalho>. Acesso em: 27 out. 2018.

VAN GELDEREN, B.; BIK, L. W. Affective organizational commitment, work engagement and service performance among police officers. **Policing: An International Journal**, v. 39, n. 1, p. 206-221, 2016. Available from: <https://doi.org/10.1108/PIJPSM-10-2015-0123>. Access on: 2019 Sept 10.

VASQUEZ, A. C. S.; MAGNAN, E. S.; PACICO, J. C.; HUTZ, C. S.; SCHAUFELI, W. B. 2015. Adaptation and Validation of the Brazilian Version of the Utrecht Work Engagement Scale. **Psico-USF**, v. 20, n. 2, p. 207-217, 2015. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712015200202>. Access on 2019 dez. 02.

VENEZ, H. S. C.; SOARES, M. F. A capacitação profissional continuada em tiro policial na polícia militar do tocantins. **Aturá-Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 2, n. 3, p. 284-305, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/atura/article/view/5970>. Acesso em 30 nov. 2019.

WAGGONER, Lauren B. et al. A combined field and laboratory design for assessing the impact of night shift work on police officer operational performance. **Sleep**, v. 35, n. 11, p. 1575-1577, 2012 Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3466805/pdf/aasm.35.11.1575.pdf>. Access on 2019 nov. 30.

WELTMAN, G. et al. Police Department Personnel Stress Resilience Training: An Institutional Case Study. **Global Advances in Health and Medicine**, Bethesda, v. 3, n. 2, p. 72-9, 2014. Available from: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24808985>. Access on 2019 Jul 19.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Características sociodemográficas e profissionais dos Policiais Militares

Idade: _____ Sexo: () Masculino () Feminino

Estado Civil: () Casado () Solteiro () Separado () Viúvo () Outros

Nº de Filhos: _____ Qual a idade deles? _____

Escolaridade: () Fundamental () Médio () Superior Completo () Superior Incompleto

Cargo:

Função:

Jornada de Trabalho: () 6 horas () 8 horas () 12 x 36 () outro: _____

Turno de Trabalho: () manhã () tarde () noite () integral

Tempo de trabalho como policial: _____ meses

Possui alguma outra atividade remunerada? () Sim () Não

Já respondeu por transgressões disciplinares? () Sim () Não

Pratica Atividade Física? () Sim () Não Qual?

Há quanto tempo: _____ meses Com que Frequência? _____ vezes por semana

Há, no momento, algum problema que comprometa sua qualidade de vida? () Sim () Não

Quais fatores você considera positivos na sua profissão?

Na sua opinião, quais as maiores dificuldades da sua profissão?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Meu nome é Fernando Braga dos Santos, sou PM e aluno do Programa de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Sob orientação do Prof. Dr. Luciano Garcia Lourenção, estou realizando um estudo sobre “**Estresse, qualidade de vida, *engagement*, estratégias de enfrentamento e burnout entre policiais militares**”, com os objetivos de: descrever o perfil demográfico e socioeconômico dos policiais militares estudados; avaliar a qualidade de vida dos policiais nos domínios: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente; avaliar o nível de *engagement* dos policiais; avaliar o nível de estresse laboral destes profissionais; identificar as estratégias de enfrentamento dos policiais militares; verificar os níveis de burnout dos policiais.

Sabemos que seu dia a dia é bastante corrido e que seu tempo é bem escasso, mas gostaríamos de solicitar sua valiosa contribuição para este estudo, respondendo os questionários que se destinam à obtenção dos dados sobre este estudo.

Ressaltamos que os riscos existentes se referem a algum constrangimento em responder às questões e que, porém, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a responder às questões que lhe causem qualquer tipo de desconforto. Destacamos, ainda, que sua participação é voluntária e, caso o(a) senhor(a) responda os questionários, garantimos o sigilo e o anonimato das informações.

Esclarecemos que os resultados obtidos com o estudo serão utilizados com fins estritamente científicos, a partir do diagnóstico dos níveis de estresse, qualidade de vida, *engagement*, estratégias de enfrentamento e burnout dos policiais militares, subsidiando propostas de intervenção.

Os resultados serão divulgados em eventos científicos e publicações de meios especializados. Desta forma, os profissionais do estudo serão beneficiados, contribuindo com a melhora do serviço de segurança pública, podendo o material produzido servir de estudo para outros profissionais.

A suspensão do estudo poderá ocorrer se for constatada qualquer possibilidade de risco ou prejuízo para os profissionais estudados. Além disso, esclarecemos que você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e, então, retirar-se do estudo.

Contando com sua colaboração, antecipadamente agradecemos e colocamo-nos a disposição para melhores esclarecimentos.

Eu, _____, portador do RG N° _____, sinto-me suficiente e devidamente esclarecido sobre o objetivo deste estudo, como está escrito neste termo, e declaro que consinto em participar do mesmo por livre vontade, não tendo sofrido nenhuma forma de pressão ou influência indevida.

Data: ____/____/____ Assinatura: _____

Atenciosamente,


Fernando Braga dos Santos
Pós-graduando


Prof. Dr. Luciano Garcia Lourenção
Pesquisador Responsável

Telefones para contato: Fernando Braga dos Santos – (46) 99107-4985
Prof. Luciano – (17) 9144-5597 / (53) 99960-5597
Comitê de Ética em Pesquisa FAMERP – (17) 3201-5813

ANEXOS

ANEXO A

ESCALA DE ESTRESSE NO TRABALHO

Abaixo estão listadas várias situações que podem ocorrer no dia a dia de seu trabalho. Leia com atenção cada afirmativa e utilize a escala apresentada a seguir para dar sua opinião sobre cada uma delas.

1	2	3	4	5
Discordo Totalmente	Discordo	Concordo em parte	Concordo	Concordo Totalmente

Para cada item, marque o número que melhor corresponde à sua resposta.

- Ao marcar o número 1 você indica discordar totalmente da afirmativa
- Assinalando o número 5 você indica concordar totalmente com a afirmativa
- Observe que quanto **menor** o número, mais você **discorda** da afirmativa e quanto **maior** o número, mais você **concorda** com a afirmativa

A forma como as tarefas são distribuídas em minha área tem me deixado nervoso	1	2	3	4	5
O tipo de controle existente em meu trabalho me irrita	1	2	3	4	5
A falta de autonomia na execução do meu trabalho tem sido desgastante	1	2	3	4	5
Tenho me sentido incomodado com a falta de confiança de meu superior sobre o meu trabalho	1	2	3	4	5
Sinto-me irritado com a deficiência na divulgação de informações sobre decisões organizacionais	1	2	3	4	5
Sinto-me incomodado com a falta de informações sobre minhas tarefas no trabalho	1	2	3	4	5
A falta de comunicação entre mim e meus colegas de trabalho deixa-me irritado	1	2	3	4	5
Sinto-me incomodado por meu superior tratar-me mal na frente de colegas de trabalho	1	2	3	4	5
Sinto-me incomodado por ter que realizar tarefas que estão além de minha capacidade	1	2	3	4	5
Fico de mau humor por ter que trabalhar durante muitas horas seguidas	1	2	3	4	5
Sinto-me incomodado com a comunicação existente entre mim e meu superior	1	2	3	4	5
Fico irritado com discriminação/favoritismo no meu ambiente de trabalho	1	2	3	4	5
Tenho me sentido incomodado com a deficiência nos treinamentos para capacitação profissional	1	2	3	4	5
Fico de mau humor por me sentir isolado na organização	1	2	3	4	5
Fico irritado por ser pouco valorizado por meus superiores	1	2	3	4	5
As poucas perspectivas de crescimento na carreira tem me deixado angustiado	1	2	3	4	5
Tenho me sentido incomodado por trabalhar em tarefas abaixo do meu nível de habilidade	1	2	3	4	5
A competição no meu ambiente de trabalho tem me deixado de mau humor	1	2	3	4	5
A falta de compreensão sobre quais são minhas responsabilidades neste trabalho tem causado irritação	1	2	3	4	5
Tenho estado nervoso por meu superior me dar ordens contraditórias	1	2	3	4	5
Sinto-me irritado por meu superior encobrir meu trabalho bem feito diante de outras pessoas	1	2	3	4	5
O tempo insuficiente para realizar meu volume de trabalho deixa-me nervoso	1	2	3	4	5
Fico incomodado por meu superior evitar me incumbir de responsabilidades importantes	1	2	3	4	5

ANEXO B

WORK & WELL BEING-BEING SURVEY (UWES)**QUESTIONÁRIO DO BEM ESTAR E TRABALHO****Work & Well-being Survey (UWES) ©**
Questionário do Bem estar e Trabalho

Wilmar B. Schaufeli

Trad.: Paulo C. Porto-Martins & Ana Maria T. Benevides-Pereira (GEPEB) - 2008

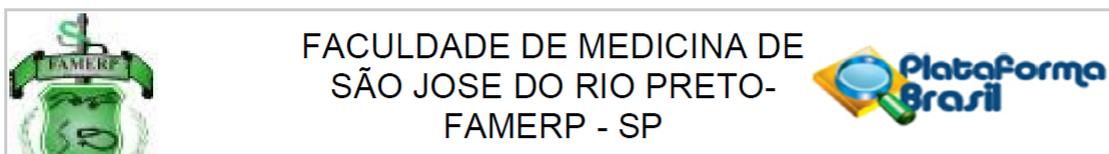
As seguintes perguntas referem-se a sentimentos em relação ao trabalho. Por favor, leia atentamente cada um dos itens a seguir e responda se já experimentou o que é relatado, em relação a seu trabalho. Caso nunca tenha tido tal sentimento, responda "0" (zero) na coluna ao lado. Em caso afirmativo, indique a frequência (de 1 a 6) que descreveria melhor seus sentimentos, conforme a descrição abaixo.

Nunca	Quase nunca	As vezes	Regularmente	Freqüentemente	Quase sempre	Sempre
0	1	2	3	4	5	6
Nenhuma vez	Algumas vezes por ano	Uma vez ou menos por mês	Algumas vezes por mês	Uma vez por semana	Algumas vezes por semana	Todos os dias

1. ____ Em meu trabalho, sinto-me repleto (cheio) de energia.
2. ____ Eu acho que o trabalho que realizo é cheio de significado e propósito.
3. ____ O "tempo voa" quando estou trabalhando.
4. ____ No trabalho, sinto-me com força e vigor (vitalidade).
5. ____ Estou entusiasmado com meu trabalho.
6. ____ Quando estou trabalhando, esqueço tudo o que se passa ao meu redor.
7. ____ Meu trabalho me inspira.
8. ____ Quando me levanto pela manhã, tenho vontade de ir trabalhar.
9. ____ Sinto-me feliz quando trabalho intensamente.
10. ____ Estou orgulhoso com o trabalho que realizo.
11. ____ Sinto-me envolvido com o trabalho que faço.
12. ____ Posso continuar trabalhando durante longos períodos de tempo.
13. ____ Para mim meu trabalho é desafiador.
14. ____ "Deixo-me levar" pelo meu trabalho.
15. ____ Em meu trabalho, sou uma pessoa mentalmente resiliente (versátil).
16. ____ É difícil desligar-me do trabalho.
17. ____ No trabalho, sou persistente mesmo quando as coisas não vão bem.

© Schaufeli & Bakker (2003). A utilização do Questionário do Bem estar e Trabalho (UWES) esta autorizada para pesquisas científicas sem fins comerciais. O uso comercial e/ou não científico está proibido, a não ser que haja uma permissão prévia e escrita dos autores.

ANEXO C



FACULDADE DE MEDICINA DE
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-
FAMERP - SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Estresse, qualidade de vida, satisfação no trabalho, estratégias de enfrentamento e burnout entre policiais militares

Pesquisador: LUCIANO GARCIA LOURENCAO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 47885715.8.0000.5415

Instituição Proponente: Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto- FAMERP - SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.412.594

Apresentação do Projeto:

Diante dos elevados níveis alcançados na última década, a violência, tanto no campo quanto nas cidades, vem se constituindo numa das maiores preocupações da sociedade brasileira.¹

Nesse contexto, como agente da Segurança Pública, a Polícia Militar (PM) exerce um papel fundamental para a manutenção da ordem social nos Estados, seja combatendo a criminalidade, seja atuando em projetos sociais. As situações de violência que acometem a população brasileira, com as quais os Policiais Militares lidam no dia a dia do trabalho ocasionam importante impacto na qualidade de vida desses profissionais. Desta forma, exige-se destes profissionais uma demanda física e mental elevada para garantir suas atuações.

Alguns autores destacam que a profissão de policial militar é uma atividade de alto risco, uma vez que esses profissionais, no seu cotidiano, convivem com a violência, a brutalidade e a morte. A literatura aponta que os policiais estão entre os profissionais que mais sofrem de estresse, pois estão constantemente expostos ao perigo e à agressão, devendo frequentemente intervir em situações de problemas humanos de muito conflito e tensão.²⁻⁵ Assim, pelas características da profissão, o policial é um forte candidato a ter sérios prejuízos em suas condições de saúde e qualidade de vida.

Esse comprometimento ao qual estes profissionais estão sujeitos justifica a necessidade e relevância de estudos que avaliem as condições de saúde e qualidade de vida desses trabalhadores.

Endereço: BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416
Bairro: VILA SAO PEDRO **CEP:** 15.090-000
UF: SP **Município:** SAO JOSE DO RIO PRETO
Telefone: (17)3201-5813 **Fax:** (17)3201-5813 **E-mail:** cepfamerp@famerp.br



FACULDADE DE MEDICINA DE
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-
FAMERP - SP



Continuação do Parecer: 2.412.594

Crescente importância tem sido atribuída à questão da qualidade de vida. Na área da saúde, existem perspectivas de mensurar a qualidade de vida de modo subjetivo⁶ e, no Brasil, existe um instrumento específico, validado e voltado para o tema.⁷ Ao emergir de situações vividas por cada indivíduo que compõe o sistema vigente, em relação aos aspectos econômicos, social, ambiental, cultural e físico⁶, a qualidade de vida pode ser percebida sob diversas óticas e, assim, é influenciada em decorrência das condições de trabalho, como jornada de trabalho longa, poucas horas de sono e a pressão sobre a atividade, o que é comum dentro da polícia militar.⁸ Portanto, a mensuração da qualidade de vida dentro da polícia militar parece ser apropriada, uma vez que, esse tipo de conhecimento resulta em melhorias sobre as políticas públicas para a criação de novos modelos de intervenção relacionados ao processo saúde-doença, com ações de tratamento, reabilitação, prevenção e promoção da saúde.^{9,10}

Não obstante, o contexto laboral tem sofrido importantes transformações na sociedade contemporânea, apontando a necessidade de estudos sobre riscos psicossociais no trabalho, identificados como um dos maiores desafios contemporâneos para a segurança e saúde no trabalho, guardando ligação com problemas tais como o estresse.¹¹

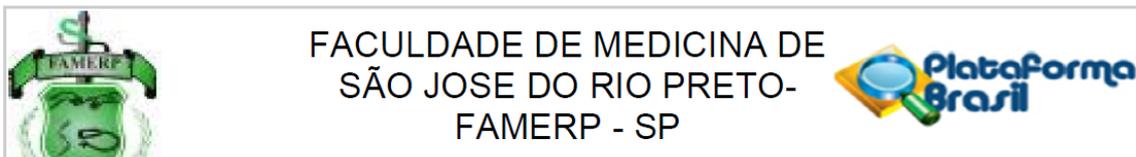
A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece o estresse como uma epidemia global, atingindo mais de 90% da população do mundo. O estresse é responsável pela diminuição da qualidade do desempenho profissional, da satisfação e do bem-estar do indivíduo; pela estagnação do desenvolvimento pessoal, pelo absentismo laboral, pela diminuição da qualidade dos serviços prestados, pelo aumento do número de erros e pelos elevados custos financeiros.¹²

Assim, dor, sofrimento, impotência, angústia, medo, desesperança, sensação de desamparo e perda permeiam as atividades laborais dos policiais militares e constituem demandas psicológicas com possível efeito deletério à saúde e à qualidade de vida dos profissionais.¹³ Esses fatores, atuando separadamente ou em conjunto, podem gerar prejuízos no desempenho profissional, sobrecarga de trabalho, estresse e interferir na saúde mental dessas pessoas.

Os estressores são enfrentados de acordo com o significado que eles têm para os envolvidos. Enfrentar um problema significa tentar superar o que lhe está causando estresse, podendo redirecionar o significado atribuído às dificuldades, orientar a vida do indivíduo e manter estáveis os estados físicos, psicológicos e sociais.¹⁴ Esses estressores, desse modo, devem ser identificados, para que medidas de enfrentamento sejam adotadas, a fim de minimizar o adoecimento e promover o bem-estar, a qualidade de vida do trabalhador e a motivação para o trabalho.

Portanto, conhecer as condições de estresse, qualidade de vida, satisfação no trabalho, estratégias

Endereço: BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416
Bairro: VILA SAO PEDRO **CEP:** 15.090-000
UF: SP **Município:** SAO JOSE DO RIO PRETO
Telefone: (17)3201-5813 **Fax:** (17)3201-5813 **E-mail:** cepfamerp@famerp.br



Continuação do Parecer: 2.412.594

de enfrentamento e burnout desses profissionais permitirá o direcionamento de ações que contribuam para amenizar os impactos causados pelo desgaste inerente ao exercício profissional dos policiais militares, colaborando para a melhoria do ambiente de trabalho destes profissionais.

Objetivo da Pesquisa:

Geral:

Avaliar o nível de estresse, qualidade de vida, satisfação no trabalho, estratégias de enfrentamento e burnout de policiais militares do Comando de Policiamento do Interior – 5ª Região (CPI-5) do estado de São Paulo e policiais militares do 3º Batalhão de Polícia Militar do Estado do Paraná.

Específicos:

1. Descrever o perfil demográfico e socioeconômico dos policiais militares estudados.
2. Avaliar a qualidade de vida dos policiais nos domínios: físico, psicológico, relações sociais e meio ambiente.
3. Avaliar o nível de satisfação no trabalho (sentimentos em relação ao trabalho) dos policiais.
4. Avaliar o nível de estresse laboral destes profissionais.
5. Identificar as estratégias de enfrentamento dos policiais militares.
6. Verificar os níveis de burnout dos policiais.
7. Verificar se há diferenças estatisticamente significantes entre os valores encontrados para os níveis estresse, qualidade de vida, satisfação no trabalho, estratégias de enfrentamento e burnout para as diferentes funções desempenhadas dentro da corporação e os diferentes níveis hierárquico dos policiais.

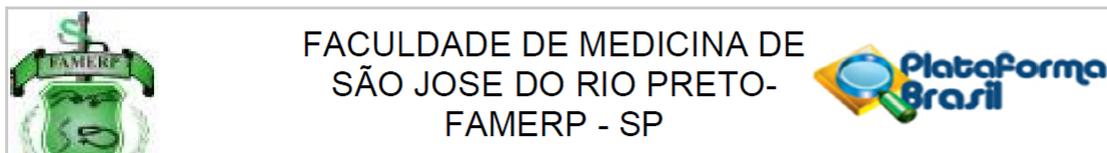
Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos existentes são mínimos e se referem a possíveis constrangimentos em responder às questões, os quais serão controlados, preservando-se a identificação e a privacidade dos policiais ao responderem os questionários (garantia de anonimato e ambiente privativo para responder os questionários).

Benefícios:

Endereço: BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416	CEP: 15.090-000
Bairro: VILA SAO PEDRO	Município: SAO JOSE DO RIO PRETO
UF: SP	Telefone: (17)3201-5813
Fax: (17)3201-5813	E-mail: cepfamerp@famerp.br



Continuação do Parecer: 2.412.594

Conhecer as condições de estresse, qualidade de vida, satisfação no trabalho e estratégias de enfrentamento desses profissionais permitirá o direcionamento de ações que contribuam para amenizar os impactos causados pelo desgaste inerente ao exercício profissional dos policiais militares, colaborando para a melhoria do ambiente de trabalho destes profissionais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma emenda ao protocolo apresentada pelo pesquisador contendo a seguinte justificativa:

A Escala de Lipp, que verifica estresse geral, foi substituída pela Escala de Estresse no Trabalho (EET) de Tamayo e Paschoal, específica para verificação do estresse laboral. Houve a inclusão do Inventário de Burnout de Maslash, para verificação do Burnout nos policiais. Houve a inclusão na população do estudo dos policiais militares do 3º Batalhão de Polícia Militar do Paraná (3ºBPM), pertencente ao 5ª Comando Regional de Polícia Militar do Estado, sediado em Pato Branco/PR.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

De acordo.

Recomendações:

Não foram observados óbices éticos.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Emenda aprovada.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da FAMERP aprova a nova versão do projeto de pesquisa, Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Versão de 01/12/17, Declaração ao CEP de 01/12/17 e inserção da Escala de Estresse no Trabalho (EET) de Tamayo e Paschoal e Inventário de Burnout de Maslash; referentes ao estudo CAAE: 47885715.8.0000.5415 sob a responsabilidade de Luciano Garcia Lourenção com o título: "Estresse, qualidade de vida, satisfação no trabalho, estratégias de enfrentamento e burnout entre policiais militares"

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_658653 E1.pdf	01/12/2017 09:57:40		Aceito

Endereço: BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416
Bairro: VILA SAO PEDRO **CEP:** 15.090-000
UF: SP **Município:** SAO JOSE DO RIO PRETO
Telefone: (17)3201-5813 **Fax:** (17)3201-5813 **E-mail:** cepfamerp@famerp.br



FACULDADE DE MEDICINA DE
SÃO JOSE DO RIO PRETO-
FAMERP - SP



Continuação do Parecer: 2.412.594

Declaração de Pesquisadores	Declaracao_CEP_PR.pdf	01/12/2017 09:52:42	LUCIANO GARCIA LOURENCAO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_CEP_SP.pdf	01/12/2017 09:52:22	LUCIANO GARCIA LOURENCAO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Novo.pdf	01/12/2017 09:50:18	LUCIANO GARCIA LOURENCAO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Proj_Pesquisa_PM_Emenda.doc	01/12/2017 09:50:05	LUCIANO GARCIA LOURENCAO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_Rosto.pdf	05/08/2015 13:59:14		Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO JOSE DO RIO PRETO, 04 de Dezembro de 2017

Assinado por:
GERARDO MARIA DE ARAUJO FILHO
(Coordenador)

Endereço: BRIGADEIRO FARIA LIMA, 5416
Bairro: VILA SAO PEDRO **CEP:** 15.090-000
UF: SP **Município:** SAO JOSE DO RIO PRETO
Telefone: (17)3201-5813 **Fax:** (17)3201-5813 **E-mail:** cepfamerp@famerp.br